
Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por Quiron - 17/06/06 14:06

Esta árvore discute o conteúdo do artigo: Escolas, Professores e Outros Profissionais

Toda a gente cita, a propósito de quase tudo, a frase de Tomasi di Lampedusa: «é preciso que alguma coisa mude para que tudo fique na mesma». Geralmente atribuem a frase à personagem principal d'O Leopardo, o Príncipe de Salina, quando a personagem que a profere é o sobrinho deste, Tancredo - que com ela granjeia a desconfiança e a incompreensão da aristocracia decadente e bronca que o rodeia mas obtem o respeito, se não mesmo a admiração, do tio.

É nesta frase que eu tenho pensado mais perante as medidas já tomadas e anunciadas pela Senhora Ministra da Educação. Quem se propuser mudar alguma coisa na educação para tudo ficar na mesma, tem muito por onde fazê-lo.

Os problemas enumerados pelo discurso oficial são problemas reais, não são inventados: há professores bons, maus e péssimos, e não se faz distinção entre eles; a gestão das escolas é corporativa; não se trabalha por objectivos definidos; não se responsabilizam os alunos, nem os pais, nem, suficientemente, os professores; não se definem nem se aferem objectivos, e portanto ou não há avaliação, ou a que há é arbitrária.

Do mesmo modo poderíamos enumerar muitos outros problemas, que como estes são reais e como estes acessórios, a que o discurso oficial tende a não se referir, et pour cause. Também eu me dispenso de os referir aqui, até porque toda a gente sabe quais são.

Resolver estes problemas - mesmo admitindo que todos eles são passíveis de solução cabal - terá como consequência principal, (para lá dum pequeníssimo efeito paliativo e do efeito positivo no marketing político do governo) não só a manutenção, como o agravamento dos vícios essenciais no sistema. E nestes a Senhora Ministra não quer tocar, como não quiseram ou não puderam tocar os seus antecessores.

São dois, só dois, os vícios essenciais do sistema: uma filosofia educativa oficial que roça o charlatanismo; e a tentação sempre presente de os governos se servirem das estruturas educativas para a prossecução de políticas públicas que são muitas vezes meritórias e necessárias, mas não são educativas.

Daqui resulta que eu, professor de inglês e alemão, sou solicitado a convencer os portugueses a não fumarem, a não conduzirem em excesso de velocidade, a respeitarem a polícia, a manifestarem-se contra o racismo, a protestarem contra as centrais nucleares, a comerem mais verduras, etc.

Como cidadão, estou pronto a ajudar em todos esses esforços, ou pelo menos naqueles com os quais concordo. Como professor preferia, francamente, que me deixassem fazer aquilo que sei e de que gosto, que é ensinar inglês e alemão.

O que nos traz à questão de saber o que é um bom professor. É aquele que sabe o que ensina e ensina o que sabe? Ou é aquele que se desdobra em «actividades» cujos objectivos não são definidos nem definíveis, cujos resultados não são observáveis, e que não podem portanto ser avaliadas a não ser pelo tempo que com elas se gasta (ou perde)?

É bom que pensemos nisto quando falamos em avaliar os professores. E já agora é bom que tornemos a pensar quando chegar o momento de avaliar a Senhora Ministra.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por ima - 17/06/06 21:06

Tive o prazer de assistir a uma palestra do Dr. Rubem Alves que contou as suas aventuras enquanto professor em início de carreira, e uma das questões que colocou a si próprio nessa altura foi: porque é que em vez de falarmos do insucesso, não falamos de como podemos contribuir para um sucesso ainda maior e que seja possível a todos os alunos? Porque é que a Sra. Ministra em vez de criticar os professores e lhes impor uma carreira sem perspectivas algumas, não apresenta propostas de programas decentes que se coadunem com a realidade dos jovens de hoje. Nem todos pretendem seguir carreira universitária, ainda mais que Portugal está a ficar com uma taxa altíssima de licenciados desempregados. Há que criar programas com curriculos alternativos para o actual mercado de trabalho e acima de tudo aliciantes.

Os professores esses só precisam de ser encorajados pela sua ministra e apoiados pelos pais. Bem hajam ...

Quiron escreveu:

Esta árvore discute o conteúdo do artigo: Escolas, Professores e Outros Profissionais

Toda a gente cita, a propósito de quase tudo, a frase de Tomasi di Lampedusa: «é preciso que alguma coisa mude para que tudo fique na mesma». Geralmente atribuem a frase à personagem principal d'O Leopardo, o Príncipe de Salina,

quando a personagem que a profere é o sobrinho deste, Tancredo - que com ela granjeia a desconfiança e a incompreensão da aristocracia decadente e bronca que o rodeia mas obtém o respeito, se não mesmo a admiração, do tio.

É nesta frase que eu tenho pensado mais perante as medidas já tomadas e anunciadas pela Senhora Ministra da Educação. Quem se propuser mudar alguma coisa na educação para tudo ficar na mesma, tem muito por onde fazê-lo.

Os problemas enumerados pelo discurso oficial são problemas reais, não são inventados: há professores bons, maus e péssimos, e não se faz distinção entre eles; a gestão das escolas é corporativa; não se trabalha por objectivos definidos; não se responsabilizam os alunos, nem os pais, nem, suficientemente, os professores; não se definem nem se aferem objectivos, e portanto ou não há avaliação, ou a que há é arbitrária.

Do mesmo modo poderíamos enumerar muitos outros problemas, que como estes são reais e como estes acessórios, a que o discurso oficial tende a não se referir, et pour cause. Também eu me dispenso de os referir aqui, até porque toda a gente sabe quais são.

Resolver estes problemas - mesmo admitindo que todos eles são passíveis de solução cabal - terá como consequência principal, (para lá dum pequeníssimo efeito paliativo e do efeito positivo no marketing político do governo) não só a manutenção, como o agravamento dos vícios essenciais no sistema. E nestes a Senhora Ministra não quer tocar, como não quiseram ou não puderam tocar os seus antecessores.

São dois, só dois, os vícios essenciais do sistema: uma filosofia educativa oficial que roça o charlatanismo; e a tentação sempre presente de os governos se servirem das estruturas educativas para a prossecução de políticas públicas que são muitas vezes meritórias e necessárias, mas não são educativas.

Daqui resulta que eu, professor de inglês e alemão, sou solicitado a convencer os portugueses a não fumarem, a não conduzirem em excesso de velocidade, a respeitarem a polícia, a manifestarem-se contra o racismo, a protestarem contra as centrais nucleares, a comerem mais verduras, etc.

Como cidadão, estou pronto a ajudar em todos esses esforços, ou pelo menos naqueles com os quais concordo. Como professor preferia, francamente, que me deixassem fazer aquilo que sei e de que gosto, que é ensinar inglês e alemão.

O que nos traz à questão de saber o que é um bom professor. É aquele que sabe o que ensina e ensina o que sabe? Ou é aquele que se desdobra em «actividades» cujos objectivos não são definidos nem definíveis, cujos resultados não são observáveis, e que não podem portanto ser avaliadas a não ser pelo tempo que com elas se gasta (ou perde)?

É bom que pensemos nisto quando falamos em avaliar os professores. E já agora é bom que tornemos a pensar quando chegar o momento de avaliar a Senhora Ministra.

Item editado por: mariamatos, em: PM/06/18 22:06

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por ruis - 18/06/06 15:06

Subscrevendo grande parte das afirmações do Quiron, entendo que a dificuldade em definir o perfil do Professor prende-se também com aquilo que tem sido a prática do nosso sistema educativo: é aquele indivíduo que, por dispor de um relacionamento privilegiado com grupos de alunos (turmas) é usado para por em prática um sem número de actividades, substituindo-se por vezes a outros profissionais. Vejamos por exemplo a questão da educação sexual: a dado momento, há uns anos, o Ministério da Educação, à sombra da tão aclamada transversalidade de determinados conteúdos afirmou a sexualidade como área temática que poderia ser abordado por todos os docentes no âmbito das suas disciplinas; isto num momento em que a sociedade, ou certos sectores dentro dela, entendiam que o assunto era (e é) uma lacuna nos curricula do nosso sistema educativo. Os Professores têm competência científica na área da sua formação e competência pedagógica nessa mesma área ou em parte dela. Por isso julgo que o Professor deve ser aquele que "sabe o que ensina", já que competência científica não é tudo, é necessária também a pedagógica, os docentes não estão habilitados a ensinar tudo aquilo que sabem. Aos longo dos anos o Ministério da Educação, em vez de optar por soluções realistas em relação aos objectivos pretendidos, tem lançado mão dos Professores como "pau para toda a colher" para a sua implementação. As medidas têm tido sempre como objectivo a contenção de despesas, sempre à custa do trabalho dos Professores, sem a dotação dos meios materiais necessários: revisões do sistema educativo que raramente passaram do papel, reformas de gabinete feitas por pessoas sem qualquer noção da realidade escolar do país e que redundaram em nada, para os alunos; porque para os Professores resultaram num acréscimo de burocracia, responsabilidades e de frustração, quando as medidas implementadas não resultavam. E passemos a um exemplo: em determinada altura, no 3.º ciclo, os alunos que indiciassem perigo de retenção passaram a ser alvo de um "plano de recuperação"; na prática: nas escolas onde leccionei, o Psicólogo escolar estava sempre tão assoberbado de trabalho que

só podia apresentar os resultados das avaliações que lhe eram pedidas relativamente a esses alunos muito tempo depois, já fora de “tempo útil”; mesmo que propuséssemos alunos para sala de estudo a esta ou àquela disciplina na qual tinha dificuldades, já sabíamos que só haveria a Português e a Matemática, pois o Ministério não dava crédito horário suficiente às escolas para poderem abrir salas de estudos a mais disciplinas; além disto, muitas turmas de aproveitamento fraco têm o mesmo número de alunos que turmas com aproveitamento normal ou elevado, isto é dizer, de 26 a 28 alunos. Perante este panorama, vemos que a expressão “contenção de custos” tem tido primazia sobre a expressão “qualidade da educação”.

Não pretendo com isto dizer que os Professores se devam limitar ao exercício de actividades para as quais têm formação pedagógico-científica; considero sim que a formação que tem sido levada a cabo pelos docentes tem de ser levada a sério e esses docentes devem usar de facto a formação que obtiveram e que obtiverem; só que para fazer isso é preciso investir nas escolas, melhorando as infra-estruturas, pagando a um maior número de profissionais, docentes e outros, para desempenharem as novas funções exigidas a uma escola adequada à sociedade dos nossos dias e que responda às crescentes solicitações que lhe são feitas. Por outro lado, a formação a realizar pelos docentes tem de ser adequada às necessidades das escolas e das actividades que as mesmas necessitam de implementar. Muita dessa formação ultrapassa o âmbito científico fornecido pelas Escolas Superiores de Educação e outros estabelecimentos do ensino superior, distantes da realidade vivida nos estabelecimentos dos ensinos básico e secundário, e que têm feito pressão para chamar a si as tarefas que têm sido realizadas pelos Centros de Formação. De facto, as Escolas Superiores de Educação sofrem, tal como os outros níveis de ensino, dos efeitos da redução da natalidade e do excesso de licenciados nos cursos que ministram, o que faz “minguar” o número de alunos nas turmas... Agora, resta saber se, quando se fala em interesses corporativos no ensino, se está a excluir o ensino superior. Repito, é preciso investir, e não anunciar aos sete ventos mudanças, apontar culpados, incendiar consciências, nomear novos protagonistas... e continuar a “usar” a prata da casa num programa de mudanças do foro administrativo e da gestão de recursos que não vão permitir atingir os belos objectivos falados. A mudança tem de ter um carácter global e sistemático.

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por antoniofigueiredo - 25/07/06 23:07

"Mais do que qualquer taxonomia (cognitiva, psicomotora, afectiva) que olhe apenas uma área da educação, de forma fragmentária, deve-se tender para um sistema de objectivos em que estejam incluídas todas as manifestações da vida humana no seu processo de aperfeiçoamento. Na base da relação que liga os diversos componentes da tarefa educativa, pode-se afirmar que qualquer actividade pedagógica, para que alcance a sua plenitude, deve proporcionar algum conhecimento (conteúdo) - especulativo ou prático -, desenvolver alguma aptidão (capacidade) e promover algum valor (atitude). Ao englobar os objectivos de educação num sistema - justificado pelos estudos correlacionais pertinentes -, opera-se implicitamente a unidade do processo educativo, a plena realização do homem .

Para Garcia Hoz, o professor ao trabalhar com os alunos a aquisição dos conteúdos das áreas curriculares (conhecimentos), promove igualmente, através das actividades escolares, o desenvolvimento da capacidades e valores. Do seu ponto de vista, é na actividade do aluno, que se alcançam os objectivos educativos, é com o seu trabalho bem feito que adquire os conhecimentos, as capacidades e os valores formulados nos objectivos.

E objectivos e competências não são termos antagónicos, mas ângulos de visão diferentes das mesmas realidades; enquanto o objectivo realça a intencionalidade educativa, a competência acentua a acção educativa.

Pessoalmente agrada-me ter como finalidade educativa a educação integral; para isso torna-se indispensável atender à totalidade da pessoa do aluno pelo que, na sequência do pensamento de Garcia Hoz, entendo que como professor devo esforçar-me por conseguir a unidade do acto educativo, que se obterá respondendo na prática pedagógica a três questões fundamentais:

- O que saber? (conhecimentos)
- Como fazer? (Processos)
- Como deve ser? (Atitudes)

Um professor não poderá descurar estas três dimensões da aprendizagem, sem as quais a formação do aluno ficará incompleta. Qual o peso de cada uma? Como fazer e avaliar? Disso tratará a planificação, a metodologia didáctica e a avaliação.

AF

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Quando a escola se ocupa do que o aluno «deve saber» está a exercer a sua legítima competência; quando se ocupa do «como fazer», ainda está nesse terreno. Exorbita das suas competências, porém, e invade território que lhe devia ser proibido, quando se ocupa do que o aluno «deve ser». A «formação integral do aluno» é o slogan - sedutor como todos os slogans - dum totalitarismo dos mais abomináveis.

=====

Pessoas que se comportam eticamente são mais raras

Afixado por antoniofigueiredo - 31/07/06 14:07

Educação Integral

Cosme D. B. Massi - Diretor de Planejamento Estratégico Grupo Positivo

Introdução

A educação é tarefa de todos. Educam pais, professores, médicos etc., enfim, todos aqueles que desempenham tarefas socialmente úteis podem ser considerados educadores.

Embora a palavra 'educação' possa ser empregada nessa acepção ampla, trataremos, no entanto, de dotá-la de um significado mais específica, a ser caracterizada nesse texto, quando a utilizamos adjetivada na expressão 'Educação Integral'.

A expressão 'Educação Integral' está associada a uma outra expressão 'Homem Integral', que utilizaremos para caracterizar um certo tipo ideal de homem.

Neste texto, trataremos dessa educação integral; dessa arte de formar o homem integral.

O Homem Integral

O Homem Integral é o indivíduo essencialmente constituído e que desenvolveu ao máximo as três faculdades irredutíveis entre si: a faculdade de pensar, a de sentir e a de querer¹. As expressões pensar, sentir e querer serão empregadas para designar essas três faculdades. Ordinariamente, a referência a essas três faculdades é feita utilizando as expressões razão, sentimento e vontade².

O pensar e o querer são as faculdades ativas do homem integral, o sentir é a faculdade passiva. Nesse sentido, podemos dizer que o pensar e o querer partem do homem, o sentir acontece nele. A passividade da faculdade sentir é uma decorrência do fato de que o homem simplesmente se percebe "sentindo", o sentir surge nele. Por outro lado, o pensar e o querer surgem dele. Podemos caracterizar a atividade e a passividade dessas faculdades pelas expressões 'exercer um ação' e 'receber uma ação'. Quando o homem pensa, ou quer, exerce uma ação, quando sente, recebe uma ação.

Através do pensar, o homem raciocina, argumenta, representa, imagina, idealiza, calcula, julga etc. A ciência, a matemática e a filosofia são seus frutos mais importantes.

Pelo querer, o homem age, decide, realiza, executa uma ação etc., transformando o mundo e a sociedade continuamente. Nesse reino da vontade, o homem encontra o dever. O dever é a obrigação moral do homem para consigo mesmo e para com o seu semelhante. Com ele nos deparamos nas mais diversas situações da vida, desde às mais ínfimas, como nos atos mais elevados.

Estabelecer como o homem deve agir nas mais variadas situações da vida é um dos atributos do querer. Como suas mais importantes realizações, temos a ética, a moral, o direito e a política.

Com o sentir, o homem percebe e recebe as impressões do mundo à sua volta e as do seu próprio mundo interior. As sensações físicas ou psicológicas, as emoções ou sentimentos são algumas das formas de ser desta faculdade notável. Dela nascem as artes e a estética, a música e a poesia.

Associados a essas três faculdades temos os mais importantes valores da cultura humana: a verdade, a beleza e a bondade.

As ciências e a filosofia investigam a verdade. A estética e as artes cultuam a beleza. A ética e a política visam o bem. A história da nossa cultura reflete uma incansável busca desses valores.

1 - René Descartes, em seu livro *Paixões da Alma*, apresenta essas três faculdades da alma.

2 - Descartes utiliza as expressões 'pensamento', 'percepção' e 'vontade'.

As três formas de inteligência³

Podemos associar a essas três faculdades três formas principais de inteligência: a inteligência racional, a inteligência emocional e a inteligência volitiva.

Na tradição da filosofia e da psicologia a faculdade ordinariamente associada à inteligência é o pensar, ou, utilizando a forma tradicionalmente conhecida, a razão. Falar, portanto, em inteligência racional é pleonasma. Em geral, sempre se considerou a razão como o patrimônio maior, e talvez único, da inteligência. Por isso desenvolver a inteligência significava quase que exclusivamente o desenvolvimento da razão ou do pensar. O homem inteligente é aquele que sabe pensar. É preciso ensinar a pensar, dizem freqüentemente. Fomos levados a acreditar que o papel mais importante do educador é ensinar a pensar.

Mais modernamente, entretanto, a inteligência emocional também tem sido difundida. Muito se tem falado da relevância dos aspectos emocionais no desenvolvimento da inteligência. O ensinar a sentir passou a fazer parte do vocabulário dos educadores, embora não com a mesma força do ensinar a pensar.

Pouco, no entanto, tem sido dito da inteligência volitiva, ou inteligência associada à vontade. O papel desta inteligência na formação integral do homem precisa ser melhor explorado. E a razão é simples. Nunca, como agora, os valores éticos e políticos se tornaram tão necessários. A sociedade moderna, no plano nacional e mesmo internacional, reconhece a importância dos valores éticos na conquista de uma vida mais justa. Aliás, direito e justiça resultam do uso adequado da vontade, ou do querer. Portanto, são frutos de uma inteligência volitiva bem desenvolvida.

Ousamos afirmar que a sociedade moderna padece as conseqüências de não ter dado a devida importância ao desenvolvimento da inteligência volitiva.

Educadores, em geral, preocupados com a construção de uma sociedade mais justa, deverão assumir, como compromisso inadiável, a tarefa de desenvolver a inteligência volitiva. Uma educação para o desenvolvimento harmônico das inteligências racional, emocional e volitiva deve ser um dos mais importantes objetivos de uma instituição de ensino.

As escolas e instituições de ensino realmente comprometidas com a formação do homem integral, precursor de uma sociedade mais justa, precisam assumir o seu papel no desenvolvimento harmônico dessas três formas de inteligência. Será preciso tratar essas três formas de inteligência com a mesma importância. Dar ao sentir e ao querer o mesmo tratamento que tem sido dispensado ao longo da história para a faculdade pensar. Não apenas os valores da ciência, mas igualmente os do sentimento e da ética precisam ser constantemente aprimorados. Não basta ensinar o homem a pensar, é imprescindível fazê-lo cultivar os mais nobres sentimentos e a comportar-se eticamente, na construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Vale ressaltar que essas três faculdades trabalham sempre em conjunto. Pois o homem, como ser individual, é uno. Essas faculdades devem ser vistas como três modos de expressão de um único indivíduo; três formas de ser de um mesmo indivíduo. O homem pensa, sente e quer ao mesmo tempo. Essa separação em três faculdades é apenas uma forma didática de descrição de um único indivíduo. Essencialmente o homem é um todo organizado.

Mesmo no ensino de uma ciência qualquer, embora a faculdade pensar pareça desempenhar o papel mais importante, o sentir e o querer são essenciais.

Costuma-se dizer que ninguém aprende se não estiver suficientemente motivado. Ora, a motivação surge exatamente do uso adequado do sentir. O indivíduo sente motivação. A motivação precisa aparecer ou surgir passivamente no indivíduo, como resultado de algum estímulo externo ou interno ao indivíduo. O educador precisa saber o que provoca a motivação no educando, que estímulos deve usar.

Mas, não basta estar motivado, é preciso querer aprender. O esforço de concentração, a disciplina e o recolhimento são indispensáveis ao aprendizado de qualquer ciência. Esses valores só surgem no indivíduo pelo uso adequado da vontade.

O educador, para ser considerado um educador completo, precisa estar habilitado na arte de desenvolver, ao mesmo tempo e com o mesmo grau de intensidade, a inteligência racional, a emocional e a volitiva. Ensinar a pensar, a sentir e a querer passam a ter, para ele, a mesma importância.

Vale a pena insistir na importância do desenvolvimento harmônico dessas três faculdades.

É muito comum encontrarmos pessoas que desenvolveram muito apenas o pensar e que, dominadas pelo orgulho, tornaram-se arrogantes e presunçosas. Carecem da virtude mais importante na caracterização do homem sábio: a humildade.

Sem a humildade perdem boas oportunidades de continuar aprendendo. Pensam que já sabem.

Existem indivíduos muito inteligentes e com grande habilidade de decisão, mas vingativos e perversos, verdadeiros déspotas.

Por outro lado, encontramos, também, indivíduos com bons sentimentos, boas pessoas, mas não conseguem tomar decisões corretas. São, com frequência, iludidos, enganados pelos mais expertos.

As virtudes são conquistas do desenvolvimento harmônico do pensar, do sentir e do querer.

As instituições de ensino seriamente comprometidas com a educação devem não apenas formar profissionais com sólido conteúdo científico (inteligência racional), mas desenvolver o amor ao conhecimento, o sentimento estético e artístico que vincula o belo ao conhecimento (inteligência emocional) e, também, ensinar os valores éticos da ordem, do respeito, da liberdade, da disciplina e da seriedade (inteligência volitiva), tão carentes nos dias de hoje.

Reunidas num todo e elevadas ao mais alto grau de desenvolvimento essas três faculdades caracterizam o homem integral.

A utilização da expressão “integral” tem o propósito de realçar o fato de que todos os aspectos fundamentais do homem foram considerados nessas três faculdades, mesmo se utilizarmos o dualismo clássico de divisão do homem em mente e corpo. As três faculdades podem ser vistas como sendo as faculdades fundamentais desse homem dotado de mente-corpo (ou alma e corpo). O desenvolvimento delas significa o desenvolvimento dos atributos espirituais e físicos do homem.

Podemos aplicar ao homem integral a clássica expressão ‘Mente sã em corpo sã’.

Os aspectos associados ao corpo e ao meio ambiente estão presentes, principalmente, no domínio da faculdade sentir. Esta faculdade é responsável pelas nossas sensações e paixões. As sensações e as paixões dependem do corpo e do meio ambiente. A dor, a sede, o cansaço, a fome, o calor, o frio, o prazer, o bem-estar e o vigor, entre outras, têm suas causas no corpo ou no meio ambiente.

O desenvolvimento do sentir exige a valorização de todos os aspectos essenciais para a saúde e o bem-estar físico. A boa alimentação, a prática de exercícios físicos, o cuidado com o meio ambiente devem ser preocupações do homem integral. As escolas que adotarem a educação integral devem incluir em seus currículos estudos e práticas relativas à saúde do corpo e do meio ambiente.

A beleza é o valor estético associado ao sentir. Não se trata apenas da beleza espiritual, mas, também, da beleza física (do próprio homem e do meio ambiente). Considerado como um ser uno, no homem o espiritual e o físico se interferem mutuamente. A beleza física e a espiritual se refletem entre si.

O homem integral não descuida de nenhuma das duas. Reconhece os valores do espírito, da mesma forma que valoriza a higiene e a ecologia.

O homem integral é, portanto, um ideal a ser atingido. Um modelo a ser imitado.

A educação integral é aquela que tem por fim o homem integral. É a educação para o desenvolvimento da inteligência racional, da inteligência emocional e da inteligência volitiva.

3 - Recentemente o psicólogo americano, Daniel Goleman, apresentou em um livro que se tornou um grande Best Seler as idéias básicas do que seria um conceito novo: a Inteligência Emocional. Na verdade esta expressão é uma redundância, a inteligência é uma só, nossa mente funciona como um todo integrado incluindo aspectos cognitivos, emocionais e volitivos. A novidade é a valorização dos aspectos emocionais da inteligência, os quais durante muito tempo foram negligenciados. Da mesma forma, pretendemos valorizar nesse artigo os aspectos volitivos da inteligência.

A Inteligência Racional

Como já enfatizado, toda a história da nossa cultura, em especial a história da educação, tem realçado o papel do desenvolvimento da razão no ensino das ciências e da filosofia. A todo o momento se fala no ensinar a pensar, no aprender a aprender.

Os sistemas clássicos de ciência e filosofia foram construídos em cima da noção de verdade. Conhecimento era caracterizado como crença verdadeira e justificada; verdade e justificação obtidas pelo uso adequado da razão. Muitas áreas de estudo não eram consideradas científicas exatamente porque não podiam ser justificadas adequadamente pelo uso da razão. A razão passou a ser a principal fonte de conhecimento. Todo o ensino passou a se preocupar quase que exclusivamente com o uso da razão.

Com o sucesso da matemática e da física nos séculos XVIII e XIX, o pensamento lógico-matemático passa a servir de modelo para todas as ciências. O ensino se concentra quase que exclusivamente no ensinar a fazer bom uso da razão,

consoante os padrões já estabelecidos pela lógica e pela matemática. Como conseqüência, tivemos a matemática e a física como o modelo de ciência a ser imitado. Nessas ciências, o pensar atingiu o seu mais alto apogeu. Ainda hoje se considera como sendo as maiores inteligências do planeta os grandes matemáticos e físicos, consagrados pela história.

Nada há de mal nisso. Apenas demonstra o fato de se ter, na história da humanidade, enfatizado somente a inteligência racional, sem consideração das outras duas formas de inteligência. Grandes artistas, políticos e benfeitores da humanidade geralmente não são apresentados como grandes inteligências. Homens como Mozart, Gandhi ou Jesus, embora socialmente respeitados, não são apresentados como figurando entre as maiores inteligências do planeta. Entretanto, se fossemos classificá-los com os padrões da inteligência emocional ou volitiva eles seriam colocados no mais alto grau.

Vale ressaltar que o critério clássico, hoje já em descrédito, de aferição da inteligência, pelo quociente de inteligência ou QI, considerava, fundamentalmente, apenas a faculdade de pensar. Por isso, saber pensar virou sinônimo de inteligência.

As conquistas das ciências constituem o lado bom desta supervalorização da inteligência racional. O homem aprendeu a fazer uso da faculdade de pensar.

O desenvolvimento desta faculdade não parou jamais. A cada dia, mais conquistas da razão, mais teorias são propostas. O conhecimento em todos os campos da ciência cresce exponencialmente. O conhecimento acumulado nos últimos cem anos já supera em muito todo o conhecimento acumulado desde os primórdios da humanidade.

Sem dúvida alguma a humanidade ganhou muito.

O lado mau pode ser encontrado nas conseqüências do desprezo dado às outras duas formas de inteligência. Os valores do sentimento e da moral sempre ficaram em segundo plano. Sempre foram considerados como pertencentes aos homens fracos e menos expertos. Muitas das conquistas da ciência viraram instrumento de violência e submissão. A violência e a guerra ganharam em requinte e sofisticação. O homem moderno sabe muito, mas sofre e é infeliz. Sem o sentimento e a vontade para conduzir adequadamente a razão, o homem moderno caminha como um viajante num deserto sem oásis. Sabe para onde ir, mas não encontra a água para matar a sede; sede de paz e de justiça; sede de amor e liberdade.

Para revertermos esse estado de coisas, é fundamental voltarmos nossos olhos para o desenvolvimento das inteligências emocional e volitiva. Sem as conquistas do sentimento e da ética o homem continuará sedento.

A Inteligência Emocional e a Inteligência Volitiva

Fala-se muito hoje em inteligência emocional. Gostaria apenas de ressaltar alguns aspectos que devem preocupar os educadores.

Quando a tarefa educativa está voltada para o desenvolvimento da inteligência racional, muitas metodologias de ensino já foram propostas por psicólogos e pedagogos. A experiência acumulada de muitos anos de ensino das ciências nas instituições especializadas permitiram o surgimento de muitas técnicas ou metodologias de ensino-aprendizagem. Sabemos razoavelmente como ensinar as diversas ciências. O sucesso das instituições de ensino em dar continuidade ao conhecimento científico acumulado atesta isso. Mesmo reconhecendo que muito ainda pode ser feito em matéria de ensino-aprendizagem, já avançamos muito. O mesmo, no entanto, não pode ser dito das inteligências emocional e volitiva.

Sempre tivemos pessoas notáveis que, isoladamente ou em pequenos grupos, deram grandes contribuições para o desenvolvimento dessas inteligências. No entanto, falando em termos sociais, podemos dizer que a preocupação com essas duas formas de inteligência é bem recente. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, elaborada pela ONU, ainda não completou sessenta anos.

Como conseqüência, quase tudo ainda resta por fazer para o desenvolvimento dessas duas inteligências.

Considerando que as três faculdades são irredutíveis entre si, as metodologias de ensino aplicáveis no desenvolvimento de uma delas não necessariamente podem ser aplicadas no desenvolvimento das outras duas. Todo o acúmulo de metodologias para o ensino das ciências pode não ajudar muito.

De fato, parece que o desenvolvimento dessas inteligências exige metodologias próprias.

Os valores do sentimento e da vontade parecem exigir, diferentemente dos valores racionais, muito mais ação e vivência. Não podem ser ensinados teoricamente apenas. O estudo de textos, a exposição oral, as técnicas de comunicação por meio da linguagem oral ou escrita parece que não são suficientes para o desenvolvimento das inteligências emocional e volitiva.

Para essas, vale muito mais o exemplo do educador e a vivência do educando.

Encontramos pessoas com pouca instrução formal, mesmo analfabetas, mas com grande senso estético e ético. "Vale mais o exemplo do que palavras", diz a sabedoria popular. Sócrates ou Cristo se immortalizaram por aquilo que sentiram ou

fizeram, muito mais do que pelo conhecimento racional que deixaram.

Diante disso, a postura do educador para o desenvolvimento do sentir e do querer no educando deve ser diferente. Não basta o conhecimento teórico; é preciso dar o exemplo. Não adianta tentar desenvolver no educando o gosto e a beleza do conhecimento (inteligência emocional) se o próprio educador não gosta de ensinar. É quase sempre em vão o esforço para ensinar aos educandos os valores dos sentimentos superiores, de paz, de respeito, de amor e fraternidade, se o próprio educador cultiva os sentimentos opostos de violência e desrespeito ao ser humano.

Uma instituição de ensino que pretenda contribuir para o desenvolvimento do senso estético em seus alunos não pode descuidar da beleza e bom gosto de suas instalações. O ambiente esteticamente agradável, limpo e bem conservado além de ensiná-los a apreciar o belo, induz a um comportamento de limpeza e conservação. O metrô de São Paulo permanece limpo e bem conservado mesmo com a circulação diária de milhares de pessoas.

Como as três formas de inteligência constituem no homem um todo organizado, o desenvolvimento de uma favorece o desenvolvimento das outras. Por isso é muito mais produtivo estudar num ambiente esteticamente agradável, bonito e bem cuidado. O sentimento de prazer associado à beleza estética do ambiente favorece o prazer de estudar.

Conversei com alguns alunos que utilizavam freqüentemente a biblioteca de uma instituição de ensino para estudar e eles responderam "o local é bonito e agradável, sentimos muito mais prazer de estudar aqui do que em casa".

Algo análogo ocorre no desenvolvimento da inteligência volitiva.

Para se aprender com seriedade e profundidade qualquer ciência são muito importantes a ordem e a disciplina. Sem ordem e disciplina o aluno tem dificuldade de controlar os próprios pensamentos. A imaginação desordenada ocupa totalmente a sua mente e ele não consegue o recolhimento indispensável ao estudo sério. É muito comum, mesmo durante uma boa palestra, o aluno perder a concentração por falta de disciplina. Seu pensamento se dirige para outros interesses e ele não consegue acompanhar um argumento mais elaborado.

Ora, disciplina se aprende, principalmente, em ambiente disciplinado. O hábito de respeitar horários e compromissos, por respeito aos outros, só se conquista com o uso adequado da vontade. Aprender a controlar pensamentos e sentimentos é tarefa da inteligência volitiva.

A inteligência volitiva é a que menos tem recebido a atenção que merece. A razão talvez esteja no fato de que é muito mais difícil, dentro do modelo de educação tradicionalmente adotado pela sociedade que favorece apenas o pensar, o desenvolvimento desta forma de inteligência. É muito mais difícil agir eticamente do que pensar. Pessoas que se comportam eticamente são mais raras.

Isso, no entanto, precisa mudar. A sociedade moderna globalizada esta exigindo profissionais que não apenas saibam pensar, mas com habilidades de liderança e ação. Que saibam fazer uso adequado da inteligência volitiva.

É muito comum a queixa com respeito ao despreparo dos egressos das instituições de ensino. As instituições formam apenas bons acadêmicos (inteligência racional). Falta o "senso prático", a capacidade de liderar e tomar decisões, um comportamento ético elementar de seriedade e responsabilidade, a habilidade política etc.; em outras palavras, falta inteligência volitiva.

A inteligência volitiva esta associada ao querer, cuja fonte é a vontade. A vontade determina a ação. A ação transforma o mundo e as pessoas.

Re:Pessoas que se comportam eticamente são mais ra

Afixado por Quiron - 31/07/06 15:07

«A expressão 'Educação Integral' está associada a uma outra expressão 'Homem Integral', que utilizaremos para caracterizar um certo tipo ideal de homem.»

Eis confirmado o que eu escrevi acima. nenhuma tentativa de produzir «o homem ideal» pode ser outra coisa a não ser totalitária.

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por Lia - 06/08/06 17:08

ATENÇÃO À REALIDADE QUE SE VIVE NAS ESCOLAS!

Li, incrédula, as propostas presentes no Decreto-lei para alteração do Estatuto da Carreira Docente. Muitos antes de mim já se pronunciaram, e bem, sobre as questões graves e subversivas presentes no mesmo. Optei, nesta carta, por chamar a atenção sobre um ponto, referido no artigo nº 46 - Itens de Classificação. Na alínea b) encontramos a seguinte exigência: Realização das Actividades Lectivas (cumprimento dos Programas Curriculares).

Quem trabalha como eu, há anos em diversas escolas deste país, compreende a minha estupefacção perante esta exigência. Passo a explicar.

Sou professora de História, no ensino Básico, há mais de 12 anos. Tenho tido muitas dificuldades nesta profissão/missão a que me dedico. Entre elas os milhares de Km que percorri no início da minha carreira, colocada várias vezes longe da minha família com dois filhos. Não foi fácil, foi psicologicamente e fisicamente esgotante, mas suportável.

Por incrível que pareça neste momento, sinto um cansaço e um desânimo que nunca antes havia experimentado. Sinto-me "esventrada" e atacada, destituída do meu orgulho profissional e daquela motivação e alegria que sempre me invadiam quando entrava numa sala de aulas. É verdade, sempre me sentia bem na Escola. Agora já não.

Que perseguição sem precedentes é esta que este M.E. iniciou contra todos os professores deste país? Qual é o objectivo? Mudar algo? Assim? Desmerecendo e desautorizando....

Não entendo.

Em vez de nos atacar sem objectivo, quantas medidas não se poderiam implementar de valor? Muitas. Algumas até permitiriam pôr em prática parte do novo E.C.D. ...

Quer um exemplo? Tenho 7 turmas a meu cargo, isso perfaz 173 alunos, aos quais devo atender com pedagogia diferenciada e personalizada. Em grupos de 25/26 jovens, uma vez por semana com cada turma... Conhecendo os jovens de hoje, como decerto conhece, diga-me muito honestamente: acha possível?

A nossa profissão/missão é uma tarefa que nem um gestor altamente treinado, nem empresário com nervos de aço aguentaria durante um dia: levarmos com um grupo de jovens (25/26 de cada vez) sem interesse na aprendizagem, pouco educados e habituados ao entretenimento televisivo a interessarem-se pela História do seu país. Acha fácil? De facto, muitos desses jovens, com altos défices de atenção e incapacidade de concentração, por vezes não querem e não colaboram, já para não dizer que perturbam a aprendizagem de outros. É um combate diário contra a insolência pura e simples, que nos leva grande parte do tempo disponível para as leccionações.

Responsabilizam, agora, os professores por não cumprirem os programas e, diga-me, como cumprir? A carga horária da minha disciplina está reduzida a uns míseros 90 minutos no básico, uma vez por semana. Ou seja, vejo os meus alunos quatro vezes no mês. Se fizer um teste, ou ficha de trabalho, são três semanas (uma aula de revisões, a do teste/ficha e a correcção) que passam sem avançar no programa. Conseguir leccionar um pouco mais de metade do programa previsto, e olhe, há três anos que não dou uma falta. Acredite-me: não é possível esvaziar mais os conteúdos sem se perder o carácter formativo e os saberes históricos essenciais. Sendo assim como cumprir? Talvez aumentando a carga horária das disciplinas consideradas estruturantes do pensamento? Nomeadamente, Geografia, História, Matemática, Português, Ciências e as Línguas, por exemplo. Contrariamente, os alunos são sobrecarregados com 12 disciplinas diferentes, onde é fácil perderem-se com ajuda dos seus, bem conhecidos, défices de concentração. E a História do país e do mundo, tão formativa e que contribui, e muito, para o desenvolvimento de uma cidadania consciente, para tolerância com base no conhecimento de outras culturas, para a afirmação de uma identidade nacional, para o entendimento e relativização dos conflitos, entre tantas outras competências que procura promover, vai sendo desvalorizada e desconhecida pela esmagadora maioria dos jovens deste país....

Entretanto, os professores, no meio desta má gestão curricular, são responsabilizados pelo fracasso de políticas educativas, nas quais não tiveram uma palavra a dizer.

Natália Marques

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por metaveira - 11/08/06 01:08

Sou professora do ensino secundário (F.Q.). Ando nervosa. O sentimento dominante é a impotência. Não mereço. NÃO O MERECEMOS.

Se, de facto, queremos mudar o cenário na Educação, comecemos pela raiz. O fruto está a apodrecer.

Leia-se o texto de LIA (Natália Marques) para se perceber o que se passa. Não será necessário fazer uso de teorias pedagógicas fedorentas... Basta – na prática – reduzir (bastante) as turmas, reduzir o pretensiosismo dos programas (as flores) e aumentar a exigência (apostando nas sementes).

É gritante a falta de requisitos básicos – perfeitamente exigíveis e teoricamente previstos – que necessariamente devem ser adquiridos em tempo de escolaridade obrigatória.

Não será a escola a instituição que oferece – pelo treino continuado – as ferramentas que usamos ao longo da vida?

Ora os alunos que completaram o 9º ano não conseguem concentrar-se, tomar atenção (o que torna ainda mais penosas as aulas de 90 minutos...), não só porque não foram habituados desde o início, mas sobretudo porque não detêm os conhecimentos suficientes para serem cativados e quererem saber mais.

Curiosidade é uma qualidade sem mais valia actualmente.

Curiosidade e entusiasmo, precisamente o motor de qualquer acção voluntária.

A indiferença e a passividade e, portanto, o tédio, reinam entre os nossos alunos.

Talvez por estarem endemicamente ligados ao Estado Novo, há faculdades que foram totalmente desprezadas, como por exemplo, – a capacidade de memorização – patente, designadamente, no desconhecimento da tabuada, das reduções a múltiplos e submúltiplos, das conversões de unidade, dos quadrados perfeitos, das áreas e dos volumes de sólidos regulares, das datas que nos servem de ancoradouro e de referência para a construção de qualquer corpo de conhecimentos (etc., etc., etc.).

No que se refere à nossa língua-mãe (e, para os mais poetas - a nossa pátria...) os níveis de expressão oral e escrita (frases cada vez mais curtas usando um vocabulário de um domínio cada vez mais apertado) e de interpretação (evidente até na leitura dos enunciados dos problemas) atingem limites impensáveis.

A matemática, a mais “mal amada” – sofre de sintomas de iliteracia galopante: o raciocínio dedutivo elementar é arduamente conquistado, assim como os cálculos que envolvam mais do que uma ou duas operações sucessivas. Passo a passo, titubeantes, e com a ajuda da “regra de 3 simples” – a praga que infesta a minha disciplina – lá vão cantando e rindo sob o olhar condescendente dos pais que – sempre pela via mais leviana, por fácil demais –, nos atribuem a culpa de não sabermos ensinar.

A matemática, de seu étimo, aquilo que se aprende, está relegada para os mais “dotados” - dá trabalho: é preciso fazer exercícios, vejam lá!

Abstracção? nem pensar! pois que um dos maiores problemas que se coloca aos nossos alunos é resolver uma “fórmula” em ordem a uma das variáveis independentes (nunca literalmente; sempre depois de substituídas todas as variáveis...).

A facilidade com que se cumpre a escolaridade obrigatória – 9 anos de estudo – é demonstrada na falta de hábitos de trabalho, de métodos de estudo e de treino de aceitação de desafios. Os meus alunos não sabem estudar pelo manual que os pais, por vezes com alguma dificuldade, compraram logo em Setembro, “exigindo” apontamentos (sublinhados a várias cores) que substituem a leitura aborrecida de tantas letras juntas.....

Se a integração de conhecimentos em um todo uno requer uma razoável maturidade que não está completamente atingida (teoricamente; na prática é um facto consumado que o grau de maturidade e de autonomia está a diminuir) em tempos de secundário, a verdade é que sem conhecimentos (soltos, desgarrados e mesmo engavetados e estanques) é impossível construir qualquer formação académica.

Assiste-se, sem armas para combater, a uma desqualificação crescente da população.

Ainda por cima, temos de suportar que nos sejam apontadas responsabilidades pela falta de educação, de formação e de conhecimentos. Tudo isto, é certo, é suposto aumentar na Escola. Mas devia começar e ser acompanhado em casa. Mas não é!

Este desinteresse e indiferença é fartamente subsidiado pelo nível cultural e socio-económico decrescente, a impunidade de actos condenáveis, o não reconhecimento de actos louváveis, o peso, o espaço e o tempo que a televisão ocupa nos lares portugueses, o vazio do conteúdo dos media, o sensacionalismo das notícias, o acesso a jogos criativos mas viciantes, a perda de hábitos de leitura (numa geração!), o processo em que se cumpriu a massificação do ensino, a indisponibilidade afectiva e efectiva (temporal) dos pais, ao número de pais divorciados, a não responsabilização dos alunos perante os pais, a escola e a sociedade, conduziram a que o sistema educativo seja considerado mais um serviço prestado pelo Estado a utentes cada vez menos cientes da sua cidadania e cada vez mais utentes armados de direitos mas raramente de deveres.

Estas circunstâncias exigem não só uma análise mas também uma actuação sistémica que não estão ao alcance (pelo menos directo) do professor. Neste domínio, as acções possíveis, terão, necessariamente, uma resposta social muito lenta que não permite a mudança que se nos revela urgente.

Na Escola, os professores do ensino secundário deparam-se com enormes dificuldades que não sabem evidenciar para possível tratamento e resolução. Somos uma classe apática, quiçá também manipulável pelo Ministério que nos tutela e pelos sindicatos que apenas oferecem uma oposição política (q.b.) em vez da contribuição para a melhoria das condições de trabalho verdadeiramente necessárias à classe que supostamente representam.

No entanto, há medidas de difícil decisão (pela coragem que exigem) mas de fácil execução – basta um simples decreto

com várias alíneas:

a) Proibição de reprovar a Português e a Matemática (e História?) já que são instrumentos que traduzem o que nos vai na alma, na mente, no pensamento, no coração e até no bolso. A sua aplicabilidade iniciar-se-ia para alunos que se inscrevam no 1º ano do ensino Básico a partir de um determinado ano lectivo (por favor o de 2006/2007!). 12 anos depois, será bem-vindo o 12º ano como escolaridade obrigatória. Nunca antes.

b) Realização de exames nacionais como conclusão de cada Ciclo (1º, 2º, 3º - todos os alunos e Secundário – todos os alunos (?)).

A aferição de conhecimentos é indispensável não existindo um processo melhor do que este (analogia da democracia como melhor regime?!?)

A dispensa dos mesmos dever-se-ia considerar já que funciona como uma justa recompensa para aqueles que se esforçaram o suficiente para tal. Poder-se-ia, eventualmente, exigir o exame de 12º apenas àqueles que demonstrassem vontade de continuar o seu percurso académico (descongestionava o trânsito...).

c) Abolição da avaliação contínua.

É natural, se acompanhamos um aluno durante, pelo menos, um ano lectivo, que a sua avaliação seja contínua. É lógico. Está para além de qualquer imposição. O problema surge quando, por variadíssimas razões, uma cada vez maior minoria não realiza um percurso regular. Desempenhos descontínuos não concordam com avaliação contínua. O espartilho da avaliação dita contínua penaliza e sobrevaloriza sistematicamente, perpetuando, assim, uma possível situação de sorte ou azar. Para além disso, promove uma atitude de mau aprendiz (leia-se “xico-esperto” – figura de que Portugal é pródiga) pois que o aluno, sabendo muito bem que a circunstância lhe é favorável, aprende a gerir o seu desempenho em função das classificações já obtidas. Ainda pesa o facto de retirar o direito de se gostar mais de uma determinada parte da matéria (e no neste caso, de Física ou de Química) e demonstrar mais valor independentemente de passados ou de futuros.

d) Abolição da avaliação de 1 a 5 no Ensino Básico.

Além de promover uma falsa igualdade atentatória do progresso individual (emulação saudável nunca fez mal a ninguém...), desmotivando os alunos mais conscientes (maioritariamente integrados num cenário familiar estável), mascara dificuldades que de outro modo não podem ser evidenciadas. Um 7 não é igual a um 9, assim como um 14 não é igual a um 16!).

É estranho, se não pouco inteligente, que esta avaliação (detentora de tão pouca precisão) esteja a ser utilizada precisamente no período de mais difícil adaptação e em que a aferição dos vários conhecimentos é determinante para realizações futuras.

e) Diminuição do poder reinante das ditas “Ciências” da Educação.

Estamos fartos da sua linguagem (em jargão – o “eduquês”) oca em conteúdo e pródiga em forma que impõe uma pedagogia (à laia de ciência) desajustada, aborrecida e, sobretudo, não eficaz. Porque se o tivesse sido o panorama não seria este.

Não é difícil errar. Até é humano... O difícil é aprender com os erros e revertê-los a nosso favor. Tentativa e erro – outro método científico emprestado a quem quer ser ciência. Que se faça uma análise científica e se tirem conclusões, também elas, científicas.

Acabemos com as “estratégias de remediação”! (até o computador assinala o erro...)

Um início saudável de vida raramente precisa de remédios sistemáticos; apenas de ajustamentos e de algumas adaptações. Vacinemo-nos.

Apesar de esta medida exigir um apreciável investimento económico, atrevo-me a propô-la:

f) Criação de escolas técnicas e profissionais alternativas.

Atendendo à vontade, habilidade, capacidade e até arte de trabalhar com as mãos, fundar-se-iam escolas para formar uma carteira de profissionais qualificados tão necessários ao país.

Além de substituir o sistema de mercado paralelo de “biscates nacionais sem factura” e sem possibilidade de controlo, seria um processo honroso de dignificar todas as profissões (que tal um móvel único, de qualidade ímpar realizado por um bacharel carpinteiro?) Só poderemos primar pela qualidade pois que pela quantidade, logicamente, não conseguimos.

Programas extensos e ambiciosos (não de per si, entenda-se, mas por suporem um background razoável) que não comportam o tempo que devíamos dedicar ao laboratório, salas de aula feias, frias no Inverno e quentes na Primavera, já com mobiliário desajustado na sua volumetria, turmas grandes e heterogéneas (em Espanha, reduziram o número de alunos/turma – benefício evidente na aprendizagem e diminuição do desemprego dos professores – será que não podíamos copiar?!?), e um nunca mais acabar de outros factores, contribuem para que a energia se degrade, i.e., diminua o prazer de aprender e de ensinar.

Contribuem para a ilusão de se poder viver do dever cumprido prestando o serviço de ensinar utentes filhos de outros utentes de outros serviços constituintes de uma sociedade cada vez mais mercantilista.

Recusemo-nos a ser mais um na linha de montagem destes tempos pós-pós-modernos. Depois de enformados é só fatiar e embalar. Estamos prontos a ser consumidos.

Consumidos é uma palavra suave para traduzir o que me vai na alma: A nova aposta na Educação é apenas um processo de poupar dinheiro.

Respeitem-nos.

Re:Pessoas que se comportam eticamente são mais raras

Afixado por Maria Goreti - 12/08/06 16:08

Hoje, na realidade das escolas, professor que faça o que é suposto ser seu dever, e o faça bem, fica marcado! Se se atreve a fazê-lo uma 2ª vez já ninguém lhe perdoa. Estas são as pessoas que ainda se conseguem comportar eticamente, eu diria, as que são sobreviventes de um sistema que foi permitindo a instalação da irresponsabilidade e valorizando esta. Ética nas nossas escolas? Comportar-se eticamente dá demasiado nas vistas, faz perceber melhor que a maior parte não cumpre, e, por isso, quem se atreve a comportar-se eticamente bem é um alvo a abater! É extremamente difícil ser-se bem comportado. Há muitos muitos anos era o contrário, quem se portava mal era uma raridade, e era uma erva danhinho, agora as coisas estão invertidas. Se não vejamos: porreiro é o professor amigo dos alunos, e não aquele que pretende ser mestre e fazer da sala de aula um local de trabalho por excelência; é aquele que se preocupa com os problemas dos alunos, os seus amores e desamores e que até faz reporte às suas vivências para dar um ar de mais compreensivo; é aquele que está atento aos problemas familiares e os entende, e entende que se o aluno não dá mais é porque está cheio de problemas e, por isso, não vá também a escola castigá-lo mais na vida!.... É aquele que o sistema exige que seja Psicólogo, Psiquiatra, Conselheiro, Pai, Mãe,

Com tudo isto já não sei, afinal, qual é a função do professor na escola.

Tenho a certeza de uma coisa: se cada um desempenhasse bem a sua função isto não estava tudo baralhado; quando se pretende que os professores desempenhem funções que não aquelas para os quais foram formados está tudo estragado! É muito lindo defender que os alunos também devem ser escutados e tidas em consideração as suas opiniões! Que lirismo! Sobre a educação? sobre a avaliação? sobre os programas curriculares?... Dou aulas há 20 anos e sei tão pouco de educação, avaliação, o que é melhor ou pior em educação..... os alunos, na minha opinião, primeiro têm que ser ensinados (também a aprender e sentir que para dar opiniões válidas em matéria de educação é preciso estudar e aprender (muito) primeiro). Com tudo isto invertido, de facto, o ser eticamente correcto é extremamente difícil e só pode ser uma raridade.

Goreti

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por ruimjorge - 06/10/06 14:10

A escola hoje em dia, em Portugal, mas não só, é avassalada por um discurso medíocre que tenta impor, principalmente através das "Ciências de Educação", todo um programa de banalidades e "ompetências", unicamente virado pra o mercado.

Este mercado é dominado por dois vectores. Um é o da socialização, que apregoa as virtudes do "multiculturalismo" e do adequado em termos de comporetamento individual. Esta componente terapêutica, pretende generalizar determinados comportamentos e atitudes, de forma a integrar todos os individuos como consumidores. Sob a capa da "diversidade" e da "tolerância", impinge-se um gosto pelo pechisbeque, nivela-se o gosto estético e atenua-se o sentido crítico. Um rap vale o mesmo que uma cantata de Bach, uma piada do Gato Fedorento rivaliza com Wittgenstein.

Num outro vector, incentiva-se a aprendigagem de "competências", qualquer coisa de importante, na perspectiva do mundo empresarial. A metodologia do McDonald's reina na programação e avaliação das competências que a escola é suposta transmitir aos alunos-como-futuros-empregados. Isto é, qualquer aluno que saia da escolaridade obrigatória deverá saber trabalhar com um PC (na perspectiva do utilizador), ter boas maneiras e respeitar os clientes (mesmo que sejam de outra etnia), saber balbuciar algumas perguntas e respostas, saber ler um anúncio de jornal (e a ementa) e ser cumpridor do horário de trabalho. Nesta mesma lógica, se alargarmos um pouco estas competências, termos o aluno ideal universitário e mesmo o representante-deputado ideal da Nação.

Professores; alunos e escolas

Afixado por FSAD - 18/10/06 21:10

Antes de qq comentário por minha parte, gostaria de cumprimentar os intervenientes neste forum, espero que sejam verdadeiros nos seus comentários....

Bem falo na qualidade de pai e encarregado de educação, de facto é compreensível o facto dos professores no seu tempo de carreira, terem de efectuar várias deslocações para exercer a sua profissão, aquilo por que acreditam e lutaram por um futuro. Concerteza que a remuneração não reflete esse sacrifício...., poderiam ter escolhido outra profissão!

Nos caso mais recente, greve dos professores, um direito que lhes assiste, e os alunos também não t-em o direito às aulas, como serão compensados pelo tempo não utilizado para cumprir o plano...!

Já fui aluno, concerteza que não vi a educação como agora, mas sinto que os cidadãos não têm um voto na matéria, serão sempre subjugados ao poder político, e quando de tenta mexer em determinados "feudos" instalados..!

Será que os professores têm medo de serem avaliados, de terem a sua progressão na carreira dependente também desse factor, ou acham que nas profissões privadas isso não acontece.

Como encarregado de educação, vejo todos os dias a falta de vontade em ensinar, a baixa médica, às vezes sem justificação mas permitido...!

A falta de cuidado e paciência em educar e motivar os alunos, o professor é um lider, como tal tem que formar os seus "discipulos", concerteza que em situações por vezes adversas, a educação também se faz em casa. Mas a motivação é a chave para o sucesso...!

Concerteza que dou os meus parabéns aos professores, que apesar de tudo conseguem ter sucesso e marcar para toda a vida as memórias nos alunos, quem não as têm..!

Não sei se este comentário/desabofo vai ser publicado, mas é uma tentativa, quanto à melhoria da educação, ainda faltam muitas mudanças, não existe uma saída, existem várias, apenas precisam de ser testadas...!

M cumprimentos

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por James - 20/10/06 21:10

Os americanos têm um ditado segundo o qual "É necessária uma aldeia para educar uma criança" (It takes a village to raise a child). Este vem-me à memória frequentemente quando penso no abandono e no insucesso escolares. Grande parte do insucesso escolar é certamente devida a sucessivas más políticas educativas (escritas em eduquês) que já foram devidamente denunciadas por Nuno Crato e outros. Mas outra parte desse insucesso e abandono deve-se ao facto de outros sectores da sociedade não funcionarem como deveriam. Como é possível ter sucesso quando os alunos, menores, frequentam discotecas e consomem bebidas alcoólicas e outras drogas, sem que as autoridades apliquem as leis? Ou que entrem à vontade em salas de cinema para verem filmes proibidos para a sua idade? Ou que trabalhem? Ou quando há alunos vítimas de maus tratos de todo o tipo, sem que os organismos que deveriam atender a esses casos, o façam? Ou que estão em lista de espera para consultas de psicologia em hospitais públicos?

Há tempos li algures que os maus resultados do ensino nos deveriam envergonhar como professores. Ora a mim envergonham-me, antes de tudo, como cidadão. Sou professor há mais de vinte anos e tenho deparado com inúmeros casos em que não é a escola nem as famílias que falham, mas sim outros sectores. O sucesso escolar não está só dependente do M Educação. Ele depende de quase todos os outros Ministérios: Adm Interna, Emprego, Economia, etc. Li que alguém está a pensar utilizar os valores do abandono escolar para avaliar os professores. Ora tal medida parece-me de uma enorme crueldade e estupidez, dadas as condições económicas da população, e sendo a vida como é: que culpa tem um professor que a família de um aluno decida emigrar para ganhar a vida, ou que o aluno vá trabalhar? No limite, imaginem uma cidade em plena guerra civil. Com as paredes crivadas de balas e os vidros estilhaçados, o abandono escolar seria de cem por cento. Imaginem agora que o M da Educação local se lembrava de responsabilizar os professores e de lhes pedir que arranjassem estratégias de combate ao dito...

Quanto às causas intrínsecas, subscrevo tudo o que diz Nuno Crato e alguns intervenientes deste debate.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por custodia - 03/11/06 20:11

Então Boa noite, para quem estiver, ainda, interessada/o em debater a Educação.

Decidi falar-vos um pouco sobre este tema que, espero possa vir a ter algum reflexo nos pareceres que Conselho Nacional de Educação emite sobre os diversos temas que lhes são solicitados.

O último que li, que foi sobre a Avaliação das Escolas, e que nos trouxe não só o parecer dessa instituição (ou deverei dizer Organismo público?) como também um pouco de história da avaliação das escolas em Portugal.

Se por um lado me decepciona o facto de muitos dos meus colegas não o conhecerem, por outro lado também os compreendo, porque cada vez se exige mais, mas não se dá espaço para a leitura, a pesquisa, não se desperta o interesse por novas investigações ou experiências na área do ensino.

Deixem-me dizer que concordo plenamente com o facto dos professores estarem 35 horas na Escola, mas por favor, não lhes peçam que façam substituições.

Não podemos "dar aulas" mais do que 5 ou 6 horas lectivas diárias!

Não há condições psicológicas nem humanas, para estar com alguns dos nossos jovens mais tempo, seguido!

Vamos pedir aos docentes que fiquem 35 horas nas escolas, mas para preparar aulas, para articular com os colegas do mesmo departamento, para homogeneizar o modo de transmitir conhecimentos, para ajudar os docentes mais novos, com menos experiência ...

Vamos exigir que se façam os PC de turma, os P C de Escola! Mas vamos pensar em como podemos ajudar quem não os souber operacionalizar. Vamos colocar mais docentes na IGE ou nas DRE's com competências para averiguar, mas também para AJUDAR!

E para voltar "lá", e ver o que se alterou, se mudarem as estratégias!

Se queremos mudar para MELHOR, então vamos pensar MELHOR!

Outra situação que me preocupa muito são os órgãos de gestão das escolas, que 7 anos após a saída do Dec-Lei 115-A/98, continuar a elaborar Reg. Internos, segundo legislação anterior ...

Não conhecem a legislação que veio trazer uma organização diferente ao Conselho Pedagógico! Não conseguem operacionalizar as estruturas de orientação educativa!

Alguns nem a conhecem!

Não estamos de modo algum em condições de assinar contratos de autonomia. Temos de perceber o que sabem e o que fazem os órgãos de gestão.

Claro que há excepções, mas a generalidade não abona nada em nosso favor!

Vamos primeiro profissionalizar os órgãos de gestão!

Demiti-los (porque não?) se não corresponderem às expectativas, mas vamos apenas exigir aos docentes que exerçam a sua profissão, com profissionalismo e para isso temos de lhes dar condições.

Não podemos desmotivar aqueles que ainda têm alguma motivação, porque aqueles que nunca a tiveram, já estavam perdidos antes.

Vamos fazer alguma coisa por quem gosta e se dedica a esta causa que é a EDUCAÇÃO!

Voltarei... talvez, com a gestão ou com o estatuto do aluno, a indisciplina....

Veremos...

Por hoje ficamos por aqui.

Maria Custodia

Mas também percebo que anda tudo muito

Quiron escreveu:

Esta árvore discute o conteúdo do artigo: Escolas, Professores e Outros Profissionais

Toda a gente cita, a propósito de quase tudo, a frase de Tomasi di Lampedusa: «é preciso que alguma coisa mude para que tudo fique na mesma». Geralmente atribuem a frase à personagem principal d'O Leopardo, o Príncipe de Salina, quando a personagem que a profere é o sobrinho deste, Tancredo - que com ela granjeia a desconfiança e a incompreensão da aristocracia decadente e bronca que o rodeia mas obtém o respeito, se não mesmo a admiração, do tio.

É nesta frase que eu tenho pensado mais perante as medidas já tomadas e anunciadas pela Senhora Ministra da Educação. Quem se propuser mudar alguma coisa na educação para tudo ficar na mesma, tem muito por onde fazê-lo.

Os problemas enumerados pelo discurso oficial são problemas reais, não são inventados: há professores bons, maus e péssimos, e não se faz distinção entre eles; a gestão das escolas é corporativa; não se trabalha por objectivos definidos; não se responsabilizam os alunos, nem os pais, nem, suficientemente, os professores; não se definem nem se aferem objectivos, e portanto ou não há avaliação, ou a que há é arbitrária.

Do mesmo modo poderíamos enumerar muitos outros problemas, que como estes são reais e como estes acessórios, a que o discurso oficial tende a não se referir, et pour cause. Também eu me dispenso de os referir aqui, até porque toda a gente sabe quais são.

Resolver estes problemas - mesmo admitindo que todos eles são passíveis de solução cabal - terá como consequência principal, (para lá dum pequeníssimo efeito paliativo e do efeito positivo no marketing político do governo) não só a manutenção, como o agravamento dos vícios essenciais no sistema. E nestes a Senhora Ministra não quer tocar, como não quiseram ou não puderam tocar os seus antecessores.

São dois, só dois, os vícios essenciais do sistema: uma filosofia educativa oficial que roça o charlatanismo; e a tentação sempre presente de os governos se servirem das estruturas educativas para a prossecução de políticas públicas que são muitas vezes meritórias e necessárias, mas não são educativas.

Daqui resulta que eu, professor de inglês e alemão, sou solicitado a convencer os portugueses a não fumarem, a não conduzirem em excesso de velocidade, a respeitarem a polícia, a manifestarem-se contra o racismo, a protestarem contra as centrais nucleares, a comerem mais verduras, etc.

Como cidadão, estou pronto a ajudar em todos esses esforços, ou pelo menos naqueles com os quais concordo. Como professor preferia, francamente, que me deixassem fazer aquilo que sei e de que gosto, que é ensinar inglês e alemão.

O que nos traz à questão de saber o que é um bom professor. É aquele que sabe o que ensina e ensina o que sabe? Ou é aquele que se desdobra em «actividades» cujos objectivos não são definidos nem definíveis, cujos resultados não são observáveis, e que não podem portanto ser avaliadas a não ser pelo tempo que com elas se gasta (ou perde)?

É bom que pensemos nisto quando falamos em avaliar os professores. E já agora é bom que tornemos a pensar quando chegar o momento de avaliar a Senhora Ministra.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por Rita Tavares - 25/11/06 10:11

(Às vezes tenho “saudades” da monarquia: pelo menos os reis tinham conselheiros, para não cometerem injustiças e atrocidades!)

Terá o CNE sido chamado para emitir algum parecer sobre o novo Estatuto da Carreira Docente? Onde estão estutos que fundamentem as opções do governo? Por muito respeito que possa ter pelos nossos governantes, há coisas que me deixam estupefacta.

Como podem defender, por exemplo, que o apoio à família seja dar mais horas às educadoras para que elas estejam com os meninos, quando qualquer país civilizado dá a opção à família para ficar mais tempo com os filhos?

Como poderão os professores partilhar e trocar experiências sabendo que vão ser avaliados e que, aqueles a quem cederam o seu material, lhes poderão passar à frente? A partir de agora será “Cada um por si e Deus por todos”. Mas nem é isso o que mais me preocupa, pois não está no meu horizonte próximo...

Não sou contra a escola a tempo inteiro mas não percebo porque têm os professores do 1º ciclo que ficar nas escolas a fazer os trabalhos de casa (ou outros) com a sua turma. Ainda se fosse dar apoio a um pequeno grupo ... mas à turma inteira? Qual será a diferença entre componente lectiva e não lectiva? Onde estão os animadores culturais? Não há dinheiro para a educação? Os professores sempre ensinaram dentro das 25 horas semanais com algum esforço, porque têm agora de ser castigados, trabalhando mais horas? Não saberão os nossos governantes que os professores têm as mais altas taxas de doenças do foro nervoso/psiquiátrico??? Não saberão que a maior parte dos professores é obrigado a percorrer grandes distâncias e que, com as novas exigências, passa quase 11 horas longe de casa? Isto é humano? Como estou a tentar sintetizar, passo adiante.

Como podem os nossos governantes defender que a componente não lectiva surja misturada com a componente lectiva? Não saberão eles que após o intervalo da tarde, depois de passarem o dia em actividades, os alunos estão cansados e já não vão ter rendimento nenhum na componente lectiva? Porque não investigaram o que se passa nos outros países que já têm a escola a tempo inteiro há mais tempo? E se já existiam Centros de ATL não era mais fácil financiar as crianças necessitadas para que também elas acedessem aos referidos centros? Ou então... enfim, não vale a pena levantar hipóteses, ninguém pediu a minha colaboração.

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por artur - 05/12/06 18:12

AVISO À COMUNIDADE EDUCATIVA

Embrutecimento, educação e outras reflexões

O SUCESSO

Num tempo em que todos nós, professores, andamos naturalmente preocupados com as nossas carreiras, e em que uma série de direitos que pareciam certos são postos em causa, muitos deles de forma abusiva (para não dizer antidemocrática), parece ter ficado para segundo plano aquilo que me parece ser fundamental, ou seja, procurar estratégias e soluções para os problemas de que a nossa sociedade, de uma maneira geral, e a escola em particular, enfermam. Claro está que o Ministério da Educação quer fazer passar a ideia de que tudo isto está a ser feito em prol do sucesso. Gostava de entender a que sucesso se refere o Ministério e que verdadeiras medidas pedagógicas estão a ser implementadas pelos iluminados Senhores. Que eu me tenha apercebido, a única medida de carácter pedagógico emanada nos últimos tempos, não vai para além das aulas de substituição que, mesmo não sendo uma ideia nova, foi imposta de forma atabalhoada e, pelos vistos, a necessitar já de reformulações (imagine-se).

Ora, na minha modesta opinião, um dos grandes problemas da escola actual não está tanto relacionado com a estrutura da carreira dos professores, mas mais com o currículo, as metodologias pedagógicas e com a forma como a escola /instituição está organizada.

Neste sentido, penso que a maior preocupação do Ministério não deveria ter sido transformar-nos em “bodes expiatórios” ou nos principais responsáveis pelos problemas actualmente existentes na escola, mas antes rodear-se do conhecimento produzido por inúmeros investigadores nacionais e, porque não, internacionais, procurando soluções pedagógicas e de organização institucional adaptadas à realidade do nosso país, deixando para trás aquele olhar estúpido e encantado com o sucesso dos nórdicos que dificilmente pode ser adequado à nossa realidade.

Compreendo as preocupações ministeriais de querer fazer transparecer a ideia de que se está a operar uma revolução no sistema de ensino - a curto prazo dá votos e ilude a opinião pública de que o caminho trilhado é fundamental. Quem não gosta de ver os lobbies instalados postos em causa? Claro está... desde que não seja o nosso lobbie. No entanto, o que em breve vamos concluir, quase de certeza, é que o almejado sucesso não vai acontecer e lentamente tudo há-de voltar à normalidade (falsa normalidade) sem que nada de fundamental tenha mudado realmente. Neste contexto sinto-me como Carl Solomon num poema de Allen Ginsberg:

(...)“Estou contigo no manicómio de Rockland
onde és mais louco do que eu
Estou contigo no manicómio de Rockland
onde deves sentir-te muito estranho” (...)

DERRUBAR PAREDES

É mais que sabido, e sobretudo, sentido e vivenciado, por qualquer professor que efectivamente “dê aulas” que algo vai mal com a escola. Todos os dias (sem excepção) nos damos conta da falta de empenho e desinteresse dos alunos pelo conhecimento veiculado pela escola. Interessa assim, antes de mais, reflectir se o problema é dos alunos, se é dos professores, se de uma forma mais abrangente é da sociedade ou se é da escola como instituição. Qualquer um também poderá facilmente concluir que o problema está em cada uma destas partes que por sinal são inseparáveis, mas que se encontram neste momento particularmente desorganizadas como se de um puzzle em início de construção se tratasse.

Daqui talvez possamos inferir que para que as coisas possam funcionar é necessário levar a cabo reformas estruturais que só terão resultados a médio/longo prazo e que as medidas fundamentais a realizar, no que à escola diz respeito, estão na sua reorganização interna e na implementação de estratégias pedagógicas adequadas à sociedade presente e futura. Para isso, parafraseando OLGA POMBO, é necessário que literalmente se “derrubem paredes”:

- A nossa escola não pode mais estar estruturalmente organizada em torno do cubículo, por sinal bastante oprimente da sala de aula – temos que sair para a rua com os nossos alunos e colocá-los em interacção com o meio, ou seja, partir da realidade para os contextos estruturantes do saber;
- As metodologias de ensino e principalmente os currículos têm que ser adaptados às necessidades da sociedade actual e dos diferentes alunos que temos actualmente na escola – nem todos os alunos têm que adquirir conhecimentos que apenas são exigidos aos alunos que querem ir para a universidade;
- A escola como organização moderna que deveria ser, terá que se agilizar e deixar de ser o monstro burocrático que é actualmente, passando muito deste processo de agilização pela autonomia das mesmas. Uma escola do Porto ou de Lisboa é necessariamente diferente de uma escola do Peso da Régua, daí que uniformizar é nivelar por baixo;
- Compreender que o conhecimento não é um formato específico que serve a qualquer pessoa. Diferentes públicos

correspondem a diferentes necessidades a que a escola terá que dar resposta. Em suma e citando o físico russo, Lev Landau “Quanto menos informações inúteis colocarmos na cabeça dos nossos alunos, mais espaço sobrarão para as grandes ideias”;

- O lugar do conhecimento não pode mais estar única e exclusivamente na cabeça dos professores ou dos manuais que estruturam o estudo dos alunos. No nosso tempo o problema não é o acesso ao conhecimento, mas antes saber o que fazer com ele.
- O processo tecnológico é irreversível e não pode mais ser um acessório no processo de ensino/aprendizagem, mas antes, passar a fazer naturalmente parte integrante do mesmo.

Perguntar-se-ão como se operam estas mudanças essenciais?

Eu direi: com o empenho de todos, sendo livres-pensadores e abertos à mudança. Sobretudo, com governantes que não olhem para a agenda política e compreendam definitivamente que todas as transformações necessitam de tempo e devem ser aplicadas de forma segura e gradual. Seria interessante começar pelo início, ou seja, pelos primeiros anos de ensino e gradualmente alargá-las aos anos de ensino mais avançados; Seria necessário que existissem no ministério menos políticos e mais investigadores nacionais (e porque não internacionais) de reconhecidos méritos, transferindo o conhecimento das prateleiras bolorentas das faculdades e colocando esse conhecimento ao serviço da sociedade. Quando falo de investigadores no ministério, não me refiro apenas a pedagogos, mas também a sociólogos, psicólogos, antropólogos, filósofos, economistas, etc.

O CONHECIMENTO SÓ EXISTE VERDADEIRAMENTE QUANDO É PARTILHADO

Diz-se muitas vezes, e com razão, que a maior parte do conhecimento produzido pelas universidades é pouco mais que, vão desculpar-me o termo, “masturbação intelectual” encerrada em grossos “calhamaços” a amarelecer as suas esforçadas páginas nos arquivos das diferentes faculdades. Por ser muitas vezes verdade, por o autor deste texto não se rever minimamente nesse processo e por tudo que tem sido dito até agora, trago para aqui, para a ordem pública, algumas questões levantadas por um estudo realizado recentemente. Não que o autor tenha vontade de se promover, como talvez alguns possam pensar, mas porque acredita que o conhecimento só faz realmente sentido quando é partilhado com um alargado número de pessoas.

MENTALIDADE COLECTIVA

As aptidões básicas requeridas pelos novos empregos na sociedade do conhecimento estão já sobejamente identificadas. São elas a capacidade de abstracção, o pensamento sistémico, a experimentação (saber fazer) e a colaboração. Ora a escola dos nossos dias, como é sabido, ainda não está a preparar os seus alunos para este desafio. E o que é interessante ver é que dentro da própria escola já é notório esse desconforto, que se traduz nos constantes maus resultados obtidos por muitos alunos. A maior parte das vezes, e numa análise escandalosamente superficial, acaba por se imputar as culpas aos próprios alunos, aos professores e à família. Não deixando isto de ser verdade, o problema maior é como vimos outro, e bem mais pertinente como ponto de partida para uma reflexão séria, que é o problema estar na própria escola como instituição e naquilo que nos vamos atrever a chamar de “mentalidade colectiva”. Como disse EDGAR MORIN, “Não se pode reformar a instituição sem ter previamente reformado os espíritos, mas não se pode reformar os espíritos se previamente não se reformarem as instituições”. É precisamente neste impasse que estamos actualmente.

A instituição escola é uma máquina pesada muito difícil de manobrar e onde cada centímetro de deslocação é conquistado a par e passo. Ora o nosso tempo não se compadece com a lentidão, é antes um tempo marcado pela velocidade, que agora já não se baseia na mecânica ou no motor de combustão, mas na informação e no conhecimento.

As sucessivas mudanças em todas as áreas da sociedade, acarreta dificuldades de acomodação/adaptação, ou pode mesmo excluir todos aqueles que não estejam munidos das ferramentas próprias que lhes permitam “sobreviver” no seu veloz desenrolar. Por isso a escola, sendo ainda uma instituição estruturante na formação dos indivíduos, terá que se adaptar rapidamente ao novo paradigma, agilizando-se como instituição e tornando-se numa escola que aprende, para usar as palavras de PETER SENGE. A escola do futuro só vai continuar a existir se contribuir realmente para a preparação dos indivíduos para a vida activa de uma forma multidimensional, ou seja, desenvolvendo integralmente o indivíduo. Para isso antes das pedagogias e mesmo antes das tecnologias, precisamos de uma instituição, versátil, criativa e pró-activa onde todos os seus actores sejam uma peça fundamental na engrenagem.

O que vemos actualmente é uma engrenagem pouco oleada que fornece aos seus clientes um produto fora de validade. O ensino não pode mais basear-se na figura central do professor, como transmissor quase exclusivo do saber e a avaliação dos alunos não pode mais basear-se quase exclusivamente em dados quantificáveis. É claro que é necessário saber matemática, saber Português ou Inglês, mas porque será que os alunos têm tantas dificuldades? Serão os alunos de hoje menos inteligentes que os do passado? Claro que não.

A ESCOLA CONSTRUTIVISTA E ROMÂNTICA

O agora muito conhecido investigador NUNO CRATO, veio explicar-nos a todos nós que as ideias construtivistas e românticas (imaginem-se) têm contribuído para o total falhanço educativo que está a formar uma imensa quantidade de

analfabetos. Apesar de, no seu livro, realmente existirem muitos aspectos com que concordo plenamente, não posso concordar com a ideia de que a pedagogia construtivista é a responsável por todos os males do ensino. Se o investigador em causa tivesse leccionado numa escola regular do ensino básico ou secundário iria facilmente perceber que as nossas escolas de construtivista não têm nada, bem pelo contrário, salvo uma ou outra experiência esporádica, estão bem arreigadas na visão secular do ensino. Como pode algo que nunca existiu, pelo menos de forma sistemática, ser culpado do que quer que seja? O investigador defende ainda que a escola não deve estar aberta a soluções pedagógicas milagrosas e que o melhor é aproveitar o que de bom já existe e fazer uma adequação gradual às novas realidades. Não poderia concordar mais com o autor. Realmente nem as soluções milagrosas existem, nem a sociedade está preparada para mudanças bruscas.

A TECNOLOGIA E A ESCOLA

No contexto, do que dissemos no ponto anterior, pensamos que as novas tecnologias, não querendo ser milagrosas, podem dar uma ajuda e contribuir em boa parte para novas práticas pedagógicas mais adequadas à realidade contemporânea. Claro que ainda existe um longo caminho a percorrer, sobretudo no que diz respeito às metodologias mais adequadas ao seu uso e ao desenvolvimento de plataformas de ensino mais robustas. Há também um longo caminho a percorrer na verdadeira disseminação das tecnologias pela escola e pela sociedade. Mas o desafio maior é, com certeza, transformar a tecnologia numa ferramenta realmente activa no processo de ensino/aprendizagem e contribuir para que esta deixe de ser entendida como um “brinquedo” ou apenas uma “experiência” e se torne numa ferramenta tão vulgar como o quadro negro. Ou seja, que a tecnologia seja uma verdadeira extensão do homem e que a usemos não fascinados por ela em si, mas pelas potencialidades educativas que fornece.

A INTERDISCIPLINARIDADE

Todos os dias vimos os nossos alunos perdidos, e diria mesmo angustiados (não estou a falar dos alunos despreocupados, estou a falar daqueles que se interessam) com as exigências propostas por cada professor no fabuloso universo curricular constituído por cerca de treze disciplinas. Cada professor tem as suas exigências (naturais) e percorre o ano lectivo sem que uma vez se tenha interrogado nas relações possíveis da sua disciplina com as restantes. Ora interroguemo-nos como pode isto ser possível, como podemos querer que os alunos se deixem fascinar pelo conhecimento. Como podemos querer que os alunos fiquem preparados para usar esse conhecimento na sua natural interacção com a realidade. Como poderão os alunos estar preparados para resolver problemas concretos. Que conhecimentos utilizáveis eles têm realmente – eu diria que muito poucos. A cada passo surgem artigos de opinião e estudos que provam que os alunos saem da faculdade sem que estejam preparados para trabalhar. Eu próprio conheço casos concretos de gente “bem formada” que me diz - não sei para que tive de estudar estes anos todos, tive que reaprender tudo de novo lá na empresa onde trabalho.

Sem querer aqui aprofundar esta questão que nos levaria muito longe, fica no ar este ponto de partida, que reflectirei mais em profundidade no próximo número do jornal *Perspectiva*.

Para terminar este já longo artigo, vamos recorrer às palavras de EDGAR MORIN, que tão bem definem parte da missão da escola e sobretudo dos docentes na sociedade de hoje:

- Fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar e globalizar;
- Preparar os espíritos para responder aos desafios que coloca, à condição humana, a complexidade crescente dos problemas;
- Preparar espíritos a enfrentar as incertezas que não param de crescer, não só fazendo-lhes descobrir a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas favorecendo neles a inteligência estratégica e a aposta num mundo melhor;
- Educar para a compreensão humana entre próximos e afastados;
- Ensinar a afiliação ao país, à sua história, à sua cultura, à cidadania republicana, e introduzir a afiliação à Europa;
- Ensinar a cidadania terrestre, ensinando a humanidade na sua unidade antropológica e as suas diversidade individuais e culturais.

ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel (2002), *A sociedade em rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Vol.I

CASTELLS, Manuel (2004), *A Galáxia Internet*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CRATO, Nuno (2006), *O ‘Eduquês’ em discurso directo*, Lisboa, Gradiva.

MORIN, Edgar (2002), *Reformar o Pensamento, A Cabeça Bem Feita*, Lisboa, Instituto Piaget.

POMBO, Olga (2004), *Interdisciplinaridade: Ambições e limites*, Lisboa, Relógio d’Água Editores.

SENGE, Peter et al (2005), *Escolas que aprendem*, Porto Alegre, Editora Artmed

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por jogsilva13 - 16/12/06 22:12

Já que estamos a mexer, não deixemos fugir a oportunidade - mudemos o que mais importa.

12 anos de escolaridade obrigatória ou estar na escola até (pelo menos) os 18 anos. No final, ou certificado de aproveitamento, ou de frequência, mas todos ficam com a escolaridade obrigatória concluída.

Dos 12, 6 anos de escolaridade básica, que todos devem concluir com aproveitamento (sem o básico feito, não há carta de condução, não há subsídio, não há ...).

Os restantes 6, escolaridade complementar, de formação pessoal, social e profissional (esta começa aos 13 anos/7º ano de escolaridade, e intensifica-se para aqueles que não conseguem progredir no currículo dito normal). Desta forma, os que não tiverem competências (no fundo, os que não são capazes ou não dispõem de oportunidade) sairão da escola, aos 18 anos, como técnicos de uma área profissional.

Para estes, ensino nocturno modular, RVCC, Cursos Profissionais remunerados - e só para estes. Os restantes devem investir na prossecução dos estudos.

30 horas no máximo de aprendizagens - só da parte da manhã. De tarde, até 3 horas de actividades de integração, socialização, desenvolvimento pessoal, recuperação, currículo oculto, chamem-lhe o que quiserem.

Os Professores trabalham, todos, 3h a 4h de manhã, 1h a 2h de tarde, num total de 25h semanais.

Currículos alterados visando a aplicabilidade à vida activa. E chega!

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por sequeira - 17/12/06 23:12

3.1 – Como fomentar uma melhor articulação entre os professores e os pais/encarregados de educação tendo em vista melhorar o sucesso escolar dos alunos?

Agora que já vou no assunto nº 3 já começa a existir alguma recorrência nalguns pontos das perguntas embora isso não seja nenhum óbice.

Tempos houve em que a retórica professoral inibia um pouco os pais da maioria dos alunos menos letrados na sua maioria, com menos capacidade para o contraditório até porque chamados a participar numa área que lhe era distante, fora do seu contexto quotidiano! Na orientação dos colóquios havia também algum caciquismo e autoritarismo que ora diminuía os pais, ora até os afastava das reuniões, ora se culpabilizavam os pais em parte pelo insucesso dos filhos... Com o crescimento e mais colaboração das comissões de pais as palestras terão evoluído para uma comunicação mais de igual para igual até que finalmente se reconhece que o insucesso escolar não podia ser só culpa dos pais e ou dos alunos, mas também e muito dos professores, da mudança constante de livros e de professores, enfim do sistema em geral que tem sentido necessidade de evoluir para melhor! Assim, numa sociedade em que todos partilham a sua quota parte de culpa é mais fácil partir para o diálogo tendente a minorar as falhas de parte a parte no sentido de uma melhoria geral do ensino e sobretudo da aprendizagem.

Numa sociedade que se quer cada vez mais perfeita, solidária, mais humana, haverá que dar ouvidos a todos intelectuais ou não, formados ou não porque todos são pais, todos terão a sua visão do problema e todos quererão certamente o melhor para os seus filhos! Desde há muito que se vem falando na produtividade dos trabalhadores, no mérito! Quem quer um emprego privado faz testes, é sujeito a entrevistas, em suma é avaliado! Depois só faz carreira quem demonstra valor, quem faz progredir a empresa! Nos têxteis e noutras indústrias era vulgar ouvir-se que eram controlados de tal maneira que já se sabia de antemão quantas peças teria de produzir um trabalhador normal por hora e quantas mais produzia um muito bom! Enfim, a produtividade e o mérito, os resultados e os objectivos estão implantados na sociedade! Então porque não aplicar tudo isso na administração pública espaçando muito mais os automatismos das promoções? Todos nós sabemos que ao abrigo de uma data de artigos legais às vezes os professores primários não punham os pés nas escolas para onde eram designados ou então faltavam com frequência e metiam baixas! Eu fui aluno em Línguas e Secretariado no ISCAP e sei que alguns colegas meus em início de curso estavam colocados a dar aulas a meu ver sem preparação e houve até um de Aduaneiro que estava a dar práticas de secretariado quando não tinha sequer essa disciplina no seu curso sendo ainda por cima gago! Enfim poderíamos quero crer até falar em falta de preparação de certos professores para dar algumas disciplinas, mas fiquemos por aqui. Portanto os professores têm de começar por ter os seus cursos devidamente acabados, formação pedagógica e psicológica antes de iniciar-se como tal. Deveriam, como dantes, ser sujeitos a estágio, remunerado claro, sob orientação dum mestre qualificado e com muita experiência. Durante a sua carreira deve, como outros doutores, ser avaliado pelos resultados obtidos e pela sua real capacidade de ensinar. O facto de ter tirado 18 ou 19 não quer dizer que saiba ensinar e consiga bons resultados com os seus alunos. As escolas no seu todo devem também ser avaliadas e os seu resultados comparados com os de outras escolas. Mas dir-me-ão que há escolas inseridas em comunidades mais propícias e outras menos! Para isso ser tomado em consideração e melhorado há que por o serviço social em funcionamento, os psicólogos e os nutricionistas nas respectivas cantinas.

Alguns pais, isto é, muitíssimos não têm possibilidade de ajudar os seus filhos a fazerem os trabalhos de casa, outros quiçá mais capazes andam numa correria o dia todo chegando a casa arrasados. As crianças ficam horas em casa sozinhos e ou ao cuidado de empregadas domésticas que a maior parte das vezes têm uma educação muito limitada para além de que não têm autoridade. A vida nas cidades encaixota as crianças, obriga-as a estar sentadas a ver programas de TV desinteressantes, pouco educativos e ou construtivos das suas personalidades, sujeitos a uma publicidade agressiva e desenfreada! Entretanto a Internet pode ser uma ótima ferramenta para se aprender, assim como para destruir. Hoje o ensino, a educação começam a globalizar-se passando a tornar-se uma responsabilidade de todos, da sociedade em geral e já nunca mais só dos professores e muito menos dos pais que têm de trabalhar todo o dia para pagarem as contas. As escolas têm que estar disponíveis para dialogar com as comissões de pais em horas a que estes possam estar presentes! Por sua vez os poderes públicos têm de pressionar as empresas para que dispensem os seus trabalhadores umas horas de dois em dois meses para participarem e colaborarem com os professores em iniciativas que criem familiaridades entre pais, alunos e professores! Se a escola em colaboração concertada com a restante sociedade envolvente se tornar cada vez mais uma grande família quero crer que os resultados se farão sentir em larga escala.

Entretanto, hoje mais do que nunca, os professores terão também de assumir ao máximo a sua função de educadores aceitando que os alunos permaneçam mais tempo nas escolas onde necessariamente também terão que haver espaços de divertimento, de expressão artística livre, exercício físico, trabalhos manuais e ou oficinas, artesanato, etc.

O que falta na sociedade portuguesa é a evolução de um individualismo tradicionalista para todo um sem número de iniciativas viradas para o bem comum, para o voluntariado, para um real bem querer ao próximo! Parece-me que hoje um dos grandes problemas da sociedade é que as suas crianças e jovens circulam, vivem, crescem tempo demais um pouco sós, entregues a si próprias, com apoios aqui, agora acolá, mas não constantes e continuados. Assim, as suas estruturas físicas, psicológicas, emocionais sem apoios continuados e sólidos hesitam, têm medos, ficam inseguras, procuram saídas às escuras, caem nos abismos...

Nós a sociedade a que eu chamo rasca e à rasca que um dia tivemos o topete e a pouca vergonha de chamar aos filhos a que demos origem de juventude rasca temos que meter a mão na consciência, perceber que temos falhado redondamente e que não adianta disparar culpas para todos os lados! Rever, corrigir, endurecer a educação, exigir mais disciplina, mais memória, dar mais e exigir mais, amar mais e mostrá-lo menos. Para criar excelência todos temos de ser excelentes! Em favor dos nossos filhos, pela nosso sossego na velhice, pela Pátria, melhorar, melhorar! Eis o caminho que proponho.

Sequeira - Porto

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por sequeira - 18/12/06 21:12

3.2 – De que formação inicial e contínua precisam os professores nos próximos anos?

Ora aqui está uma pergunta quiçá muito controversa e que dará certamente pano para mangas. Como aluno até ao 7º ano antigo (+/- 1961), como pai que teve de ensinar quase tudo ao seu filho até quase completar o 9º ano, hoje com 32 anos, Designer de Comunicação, que foi orientado para o Técnico Profissional de Artes Gráficas e Industrias do Papel a partir do 9º. Apreciadas as suas enormes dificuldades em Matemática e Física irregularmente dadas como se do ensino normal se tratasse e que de nada lhe serviram no seu curso superior, ao contrário de Inglês e Francês porque lhe mandavam estudar por livros escritos nessas línguas. Como aluno nocturno do Curso de Línguas e Secretariado, no ISCAP, onde fiquei pelo 3º ano revoltado contra a Estenografia de Línguas, tentarei ajudar construtivamente no que se me oferecer sugerir.

Em primeiro lugar não me cabe na cabeça que possa haver professores a dar aulas sem terem os seus cursos superiores acabados. Depois julgo que devem os seus estudos ser complementados com formação pedagógica e psicologia aplicada ao ensino. Devem também ser sujeitos a um estágio remunerado durante um mínimo de um ano lectivo sob orientação de um mestre com muita experiência no ensino da ou das disciplinas para as quais o estagiário/a foi designado/a e com saber mais que comprovado.

Devem também os professores ficar colocados no mínimo 3 a 4 anos numa mesma escola para que alunos e pais se familiarizem com o professor e haja uma constância no método e no esquema de ensino.

Hoje em dia a navegação na Internet é indispensável como ferramenta e cada professor nas suas áreas específicas deve orientar os alunos a tirarem o máximo proveito no mínimo tempo e ajudá-los também a entender que se não devem perder e ou viciar nos jogos, preveni-los contra os perigos dos chats, etc. No meu entender a Internet, porque não tem controlo, muito mais do que a TV, serve para construir, mas pode ser um rápido caminho para destruir! Há matérias cujos saberes estão constantemente em evolução pelo que penso ser dever dos reitores e ou administradores das escolas fomentar cursos de actualização, a ida a conferências dadas por cientistas de renome, debates, etc. No meu entender, tal como os médicos, os engenheiros, os técnicos das TI, ao professores não se podem deixar cristalizar depois do seu curso tirado e de iniciada a sua carreira no ensino. Ser professor implica uma missão de muita responsabilidade de que os professores se não podem distanciar que é a de formar e ensinar os homens de amanhã que governarão este nosso país, que estarão a gerir as nossas empresas, a dar por sua vez aulas, a construir pontes, a tratar da nossa saúde e da nossa segurança, etc. Também entendo que para subirem nas suas carreiras, além de

mérito comprovado pelos resultados, o professor se deve sujeitar a concursos sérios onde se revelarão os melhores! O futuro do nosso país tem que vir a ser melhor e a educação dos nossos filhos e netos requer excelência pelo que os educadores também terão que ser excelentes! As nossas crianças são, na sua maioria, no mínimo de inteligência média e não podem ser mais apontadas como as culpadas, mas muito mais como vítimas do sistema! Isso é injusto e é desumano.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por sequeira - 18/12/06 21:12

3.3 – Que organização escolar poderá melhorar o processo educativo?

Nesta pergunta confesso as minhas limitações porque está certamente muito fora do meu âmbito de abrangência. Mas talvez possa tentar dizer que tem de haver forte respeito pelas hierarquias sem que isso possa e ou deva inibir o diálogo e o trabalho de equipe pois que é suposto que numa escola todos devam trabalhar com um objectivo que é ensinar o melhor possível os alunos. Tem certamente que haver também grande disciplina e ao mesmo tempo um espírito de entreajuda em que o contributo de todos seja considerado fundamental! A pontualidade e a assiduidade deve ser exemplar para os alunos, devendo ser previamente traçados os objectivos a atingir. O programa de cada livro deve ser dado na íntegra para que os alunos não passem consecutivamente de ano com parte da matéria por concluir. Uma das coisas que mais me enraivecia na condição de pai de um aluno do preparatório era que o meu filho raramente acabava a álgebra e quase nunca dava geometria. Foi sempre algo que ultrapassou a minha capacidade de compreensão! Finalmente urge que os professores não tenham medo de chumbar ainda que saibam de antemão que o aluno vai abandonar o ensino no 9º ano. Mesmo nessas circunstancias ele/a vai precisar de todo o saber que puder adquirir para o seu quotidiano posterior.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por sequeira - 18/12/06 22:12

3.4 – Que tipo de autonomia e que mecanismos de responsabilização devem ser postos em prática nas escolas?

Depois de se ponderar o factor comunidades locais mais ou menos favoráveis e posto que seja em funcionamento o serviço de apoio social e psicológico acho que ao professor deve ser dada alguma autonomia para que encontre o melhor caminho para obter bons resultados advindo-lhe daí, necessariamente, também uma maior responsabilidade no cumprimento dos objectivos.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por jafundo - 19/12/06 12:12

Individualismo tradicionalista? Geração rasca? Pela Pátria? Endurecer o ensino?

Caro Sequeira, está a anos luz das soluções mas não lhe exijo que compreenda porquê. Não é fácil encontrar o caminho no meio do barulho. Tapar os ouvidos e abanar a cabeça em negação também não representa qualquer tipo de atitude. Mas deixe-me que lhe diga que as suas dissertações sobre rasquices e outras aventuras pouco ou nada acrescentam para além do característico ruído irritante do pseudo-intelectual "tradicionalista" e narciso.

Nunca ninguém disse que era fácil e acredite que esta geração lhe pode ensinar muitas coisas...

j a f

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por sequeira - 19/12/06 21:12

3.5 – Que podem (e vão) as comunidades locais fazer mais pelas suas escolas?

Ora aqui está uma pergunta muito interessante a ser posta sobretudo às comissões de pais e aos poderes públicos locais. O cidadão isoladamente não poderá, quero crer, uma perspectiva muito aguda da situação por estar um pouco fora do seu contexto quotidiano, mas poderá certamente sugerir e ou, no mínimo, especular um pouco sobre o assunto ainda que as suas ideias possam parecer um tanto utópicas. No meu entender, por exemplo, pode ser utilizado o voluntariado para fomentar uma maior segurança nas escolas desde que devidamente organizado em colaboração directa entre escolas e poderes públicos locais. Para alunos mais carenciados e ou vivendo longe das escolas os poderes públicos locais deveriam assegurar transportes. Tanto quanto possível nas escolas deveria haver p. almoço, almoço e lanche a preços acessíveis para todos e quiçá gratuitos para os mais pobres ainda que o serviço tivesse que ser móvel. Entendo também que os poderes públicos e o M.E. se devem entender no intuito de que nas escolas funcione um serviço social de apoio a alunos e famílias e acompanhamento psicológico de situações mais graves. Para além disso haverá que motivar os cidadãos para a solidariedade para com as crianças mais carentes de tal modo que lhes não faltassem os livros, nem as roupas, nem até os medicamentos mais básicos. Agora se as comunidades locais vão fazer isto, ou muito mais e melhor não me compete afirmá-lo, mas sugerir que as direcções das escolas em colaboração com as comissões de pais solicitem o apoio do poder público local que assim captará mais votos!

=====

Re:Pessoas que se comportam eticamente são mais ra

Afixado por Quiron - 20/12/06 11:12

Mozart não é considerado pela sua inteligência?!

Pelo contrário: o que eu sempre tenho visto escrito é que Mozart, juntamente com Newton e Leonardo da Vinci, são hoje considerados os seres humanos mais inteligentes de sempre.

Não sei como é que os psicólogos avaliam o QI de pessoas que já morreram, mas os números que tenho visto apontados para estas três figuras oscilam entre os 180 e os 190 pontos.

Posto isto, não digo que a «inteligência emocional» e a «inteligência volitiva» não sejam importantes na «formação integral» da pessoa. Dgo, sim, que esta formação integral não deve competir à escola, e isto por uma razão análoga à que estabelece a separação de poderes em matéria de governação: do mesmo modo que um Estado que concentrasse no mesmo órgão os poderes executivo, legislativo e judicial seria totalitário, assim será necessariamente totalitária a escola que concentre em si a formação integral dos alunos.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por Celia - 27/12/06 19:12

Caro senhor Sequeira, é por demais evidente que o seu contributo, tal como o de outros, é pertinente quando vindo fora da classe de professores e na sua qualidade de ex aluno e ex encarregado de educação.

Convém, no entanto, informar-se um pouco mais sobre a formação dos docentes. Passados mais de 30 anos após o 25 de Abril e com a massificação do ensino, posso quase assegurar-lhe que não haverá nenhum professor sem formação superior e, tendo eu acabado o meu curso de Línguas e Literaturas em estudos Portugueses e Ingleses em 1981, já na altura tive dois anos de estágio: dois anos de prática pedagógica assistida, e concomitantemente, dois anos de teoria sobre Psicologia do Adoelscente, Sociologia da Educação etc, bem como "cadeirões" feitos através da prestação de exames(alguns de 3 horas) sobre didácticas viradas para a minha especialidade. Logo, o que o senhor sugere há muito que é feito, sendo agora que há muitos cursos já de estágio integrado. Para além disso, ao longo da minha vida profissional, tal como os meus colegas, tenho frequentado dezenas e dezenas de acções de formação, escolhendo sempre aquelas que foram contribuindo para a minha especialidade. Frequentei-as não porque tinha só de apresentar créditos para ascender na carreira, mas por sentir que tinha continuamente muitos desafios pela frente e queria estar actualizada.

Quantos aos estágios pagos, coloco as minhas dúvidas, já que na actividade privada a maioria não paga estágios, estes devem ser entendidos como complemento de formação uma vez que só depois do estágio o docente terá uma classificação profissional final.

Há tantas classes profissionais que têm uma Ordem e como sabemos, só depois do estágio e até mesmo exames exigidos pelas ordens, é que os estagiários obtêm a carteira profissional.

O problema com a nossa classe passa (e regride) com o chinfrim dos sindicatos que deveriam remeter-se exclusivamente às questões laborais e deixarem de mandar palpites sobre a deontologia da docência. São campos diferentes.

O curriculum dos cursos virados para a docência, bem como aspectos ligados à formação inicial, contínua, etc deviam estar sob a alçada de um organismo tutelar, chamemos-lhe Ordem, e nunca ao sabor dos movimentos sindicais que continuam com tiques pós 25 de Abril. Não me parece que as atitudes sindicais tenham contribuído, sobretudo

ultimamente, para a reforma do ensino, pelo contrário, aos olhos da sociedade a visão que dão dos professores, onde milhares e milhares nem se revêm, tem conduzido toda esta preocupação ligada à educação para assuntos de rua. Para finalizar, dir-lhe-ei e porque sinto na pele, seria bom que os Pais e/ou Encarregados de educação não se demitissem das suas funções. Estes são alertados, por várias vias, para se deslocarem às escolas e muito poucos aparecem. A lei prevê, junto das entidades patronais, uma deslocação à escola, por trimestre, mas nem assim comparecem. Esta é a realidade que temos, esta é a mentalidade que ainda impera em muitas zonas do País: se o jovem é malcriado junto da família, lá vem a frase fatídica, " foi isso que te ensinaram na Escola?" Assim, sem um esforço articulado, não há educação que nos valha.

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por sequeira - 30/12/06 17:12

Li com gosto e grande admiração o texto de "antoniofigueiredo" de 31-07-06. Se fosse capaz de escrever assim e tivesse cultura idêntica poderia quicá dizer que me "tirou as palavras da boca"! Mas não é verdade porque não chego tão alto. Entendo é que muita gente culta, isto é, melhor dizendo, com canudos, pais e professores mesmo, aprenderia muito com este texto! Em nome do futuro deste Portugal agradeço-lhe a sua excepcional e arguta intervenção! Por último, como cidadão com 61 anos e frequência do ensino superior, como pai de um filho com 32 anos que consegui formar depois de muitas dificuldades e depois de gastar fortunas, julgo que a Sra. Ministra da Educação está a tentar fazer o que há já dezenas de anos se impunha que fosse feito! É certo que mexe com muita gente que se acha muito culta, inteligente, poderosa e fina, que estava habituada já quase a ser Senhor/a absoluto/a, enfim, intocável! Mas o que tem de ser feito impõe-se para um melhor futuro deste nosso país e certos poderes e privilégios terão forçosamente que ser abalados e reorganizados.

=====

Re:Professores; alunos e escolas

Afixado por jbsimas - 03/01/07 01:01

Um dos problemas nestas discussões são as generalizações; Outro a visão dicotómica simplista como se o mundo fosse a preto e branco. Não digo que seja o seu caso mas são frequentes situações destas. Sou professor e não tenho receio do princípio da avaliação que deve ser generalizada a todas as profissões. Também não acredito que a boa avaliação seja só a praticada nas empresas privadas. Se assim fosse, Portugal seria tão competitivo e teria aplicado tão bem os fundos da União Europeia como outros que o fazem.

O problema está também nos critérios de avaliação e nos avaliadores. Penso que é possível encontrar critérios. Neste momento, o que me preocupa é quem vai avaliar. Penso que só seria aceitável ser avaliado por alguém que já tivesse sido avaliado e que tivesse, pelo menos, o mesmo tipo de experiência e conhecimentos e alguma independência relativa. Infelizmente não irá ser o caso em muitas circunstâncias. Por exemplo, a maioria dos inspectores que irão também avaliar os coordenadores de departamento, há longos anos que não sabem o que é uma turma e muitos deles têm menos formação do que muitos dos professores que vão ser avaliados. Situação semelhante, embora menos gritante se passa com as direcções de muitas escolas.

João Simas
Évora

=====

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por Maria G. - 10/01/07 15:01

Registei-mena esperança de que quem tem poder se dê ao trabalho de vir ler alguma coisa. é pouco provável mas como este é o debate nacional sobre o tema, quem sabe...

A Ministra, a opinião pública, os jornais, os comentadores políticos e tutti quanti "batem" muito e quase exclusivamente nos professores como responsáveis pela qualidade do ensino(ou falta dela). Ora eu, enquanto professora já passei por muitas escolas e há um factor que sempre se revela determinante para a qualidade do ensino: os alunos. Passo a explicar: numa escola frequentada por alunos bem comportados, interessados, cujos pais valorizam a Escola, os resultados escolares são bons e o ambiente é bom. Os professores conseguem ensinar e a escola tem boa reputação na comunidade. Quando, pelo contrário a escola é frequentada por uma população desinteressada, mal comportada, que torna o dia-dia dos professores num inferno de indisciplina, adivinhem o que acontece ? Maus resultados escolares, clima de escola insuportável, professores de baixa psiquiátrica.

Esta é uma verdade de Lapalisse para qualquer professor com um mínimo de experiência mas por ser tão evidente, tão

óbvia, nem assim ainda saltou aos olhos dos responsáveis pela Educação.

No nosso sistema educativo, os alunos têm, na prática, todos os direitos e nenhuns deveres e o professor é, sem sombra de dúvida, o elo mais fraco a quem tudo é exigido e a quem não é assegurado (repito na prática e não nas intenções sempre muito bonitas) nem sequer o direito a ver respeitada a sua dignidade e a sua integridade física. Se acham que exagero, respondam a esta pergunta: O que acontece a um aluno que agride o seu professor em plena sala de aula, deixando-o em estado de ser levado para o hospital? Eu respondo: no máximo será suspenso por 8 ou 10 dias. E mais, as faltas que der durante este período não contam para efeitos de reprovação. Por outras palavras, o aluno terá uns dias de férias como "recompensa" pelo seu acto criminoso (é que se for um qualquer cidadão a agredir outro, o acto é considerado crime mas numa escola é apenas um acto de indisciplina).

E se isto não diz tudo sobre o "equilíbrio" do sistema...

Na minha opinião, o Ministério da Educação deveria pensar mais numa forma (ou formas) de responsabilizar os alunos pela aprendizagem e pelos resultados e não "malhar" mais nos professores que afinal não têm autoridade nem para se manterem inteiros numa sala de aula quanto mais obter sucesso a partir de alunos que não valorizam minimamente a Escola. Alunos a quem o Estado paga uma educação e que a atiram pela janela fora num desperdício de dinheiros públicos pelo qual nunca são responsabilizados.

Re:Escolas, Professores e Outros Profissionais

Afixado por Modesto Vitória - 18/01/07 10:01

COMO VAMOS MELHORAR A QUALIDADE DO ENSINO:

Na minha opinião penso que investindo, fortemente, na mudança/revolução de mentalidades. – Essa mudança de mentalidades, far-se-á com professores motivados e com vocação/formação, já a partir do pré-escolar. Pois ninguém pode dar aquilo que não tem e, os valores para a cidadania/civismo têm que ser sentidos e não impostos por decretos. Penso que para exercer a tão nobre profissão de professor, deveriam de ser seleccionadas pessoas muito especiais: Com capacidades humanas e intelectuais para ajudarem a guiar/conduzir os alunos, a fim de conseguirmos uma sociedade mais justa. Julgo que a profissão de professor é a mais importante – uma vez que todos os alunos foram ou serão influenciados durante muitos anos, quer positiva ou negativamente pelos professores, isto é, têm uma grande responsabilidade nos bons ou maus conhecimentos/valores que estão a transmitir aos futuros responsáveis pela condução, do nosso bonito país.

Mas, Infelizmente os sistemas de ensino/formação preocupam-se com a segurança física e económica e, normalmente é muito esquecida a segurança EMOCIONAL...

A Sr.^a Ministra da Educação, já anunciou que os professores têm que ter formação permanente nas novas tecnologias da informação. Não posso descurar, realmente, das grandes vantagens e, também desvantagens que a informática nos trouxe, no entanto, a cultura não se deve render à tecnologia...

A frase seguinte é ouvida com muita frequência: POR FALTA DE CIVISMO – grande parte dos acidentes nas estradas, são provocados por falta de civismo; o salve-se quem poder e deixa andar falta de civismo; os escândalos no futebol (a nossa ignorância consegue alimentar três jornais diários ligados ao futebol) faltam de civismo; a corrupção falta de civismo; a injustiça na justiça falta de civismo; a falta de humanismo nos cuidados de saúde pública, falta de civismo e por aí fora... (O equilíbrio mental, é conseguido com auto-estima e autoconfiança.

Aos verdadeiros professores que abraçaram a profissão com carinho e abnegação, aproveito para expressar o meu sincero reconhecimento.

“O crescimento intelectual do seu filho é afectado por: deficiências físicas, carências emocionais, sentimentos reprimidos, pressão exagerada para metas pouco razoáveis, disciplina não democrática, linhas de comunicação fechadas, salas de aula superlotadas, professores inadequados e técnicas pedagógicas deficientes”.

(Aproveito para dar mais esta sugestão: Quando será que o Ministério da Educação, tem a coragem de mandar retirar das escolas, - as máquinas dos sumos, assim como outros produtos alimentares de má qualidade. A obesidade, a diabetes etc. agradecem...